

**SYLVIA KARLA GOMES BARBOSA**

**CAPITAL SOCIAL E AS ASSOCIAÇÕES DE AGRICULTURA FAMILAR EM  
PAUDALHO, PERNAMBUCO.**

**RECIFE  
2014**

**SYLVIA KARLA GOMES BARBOSA**

**CAPITAL SOCIAL E AS ASSOCIAÇÕES DE AGRICULTURA FAMILAR EM  
PAUDALHO, PERNAMBUCO.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Administração e Desenvolvimento Rural (PADR), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. José Ferreira Irmão.

**RECIFE  
2014**

**SYLVIA KARLA GOMES BARBOSA**

**CAPITAL SOCIAL E AS ASSOCIAÇÕES DE AGRICULTURA FAMILAR EM  
PAUDALHO, PERNAMBUCO.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Administração e Desenvolvimento Rural (PADR), como requisito para obtenção do título de Mestre na linha de pesquisa de Políticas Públicas e Desenvolvimento Rural Sustentável.

Recife, \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

---

Prof. PhD. José Ferreira Irmão – PADR/UFRPE  
Orientador

---

Prof. Dr. Angelo Brás Fernandes Callou - POSMEX/UFRPE  
Membro Externo

---

Prof. Dr. André de Souza Melo – PADR/UFRPE  
Membro Interno

## AGRADECIMENTOS

Gostaria primeiramente de agradecer a Deus, por ter me dado à oportunidade de ter chegado até aqui e realizado esse sonho.

À minha mãe, Rejane Maria Gomes Barbosa, uma pessoa que sempre esteve do meu lado, me ajudando e lutando comigo para que esse sonho tornasse realidade.

Ao meu pai, Silvio Cavalcanti Barbosa, um homem que me mostra permanentemente que sempre devemos ter cautela para resolver qualquer problema que a vida resolva colocar em nosso caminho.

Ao meu padrasto, Fernando Melo, que chegou a minha vida recentemente, mas que vem demonstrando muita dedicação a família, e assim como todos, que me ajudaram bastante nessa trajetória.

Ao meu professor orientador, José Ferreira Irmão, que mais uma vez colocou-se à disposição para passar seus valiosos conhecimentos e, sobretudo, que me confortou com uma palavra amiga em momentos que pensei não conseguir ir além.

Ao meu noivo e grande amor, Emerson Vitorino de Lima, que sempre se mostrou atento aos meus passos, disposto a me ajudar em qualquer situação, amoroso em todos os momentos, sincero, carinhoso. Enfim, uma pessoa muito querida e amada.

Agradeço também as pessoas queridas que conheci em Paudalho ao longo deste trabalho, como Seu Oscar Barbosa, Dona Severina, Seu Tino e Alciene Wright.

E, finalmente, a todos os meus amigos e amigas que fizeram possível esse sonho virar realidade. Em especial, Milena Gomes e Kassya Fraga, pessoas abençoadas por Deus e queridas por mim.

*“Nenhum dever é tão indispensável quanto o de retribuir um favor. Todos desconfiam de quem se esquece de um benefício prestado.”*

Alvin W. Gouldner

## RESUMO

O objetivo deste trabalho de dissertação é relacionar os entraves sociais, econômicos e infraestruturais das Associações de Pequenos Produtores Rurais do Engenho Velho II e Engenho do Sítio I, localizadas no município de Paudalho, com a insuficiência de capital social construído nessas Comunidades ao longo dos anos. Capital social é um tema discutido mundialmente e que desde a década de 1980 tornou-se uma espécie de panaceia para todos os problemas sociais. Pensando nisso, se resolveu extrair da literatura de James Coleman e Robert Putnam, autores de extrema relevância com relação ao tema capital social, as principais variáveis que tais autores consideravam como peças fundamentais de capital social. Sendo assim, a partir de uma pesquisa de campo, a base de formulários pré-fixados entrevistou-se um total de 27 associados, 07 da Comunidade Engenho Velho II e 20 da Comunidade Engenho do Sítio I. Ressalta-se ainda, que para complementar as análises obtidas diante das respostas dos entrevistados, utilizou-se o método de análise observacional e comparativo, o que de fato, explanou melhor os assuntos em questão, tais como, confiança e reciprocidade, canais de informação, normas e sanções sociais, redes e engajamento cívico e comunitário. Assim sendo, verificou-se que as Associações Engenho Velho II e Engenho do Sítio I encontram-se envolvidas em ciclo vicioso, isto é, os entraves sociais, econômicos e infraestruturais observados e pesquisados dificultam a formação de capital social, da mesma forma, que a ausência de capital social impede que a comunidade trabalhe em conjunto para angariar melhorias. Diante desta percepção, é possível sugerir que tal resultado provoque um atraso no desenvolvimento dessas localidades, tanto no ambiente de uma forma geral, estradas em péssimo estado de conservação, falta de transporte, ausência de escolas e postos de saúde, como nas residências dos moradores e em suas características familiares, produção agrícola limitada por falta de um sistema de irrigação eficiente e energia trifásica, muitos associados ainda são analfabetos e, além disso, baixíssima remuneração média mensal por família. Acrescenta-se ainda que a confiança nas autoridades políticas, Prefeitura Municipal e Secretaria Municipal de Desenvolvimento Rural e Meio Ambiente, está deveras abalada, pois a maioria dos associados entrevistados já não acreditam que essas entidades, de fato, possam trazer algum benefício para as localidades, ou seja, uma situação preocupante. Dessa forma, chega-se a conclusão de que os gargalos sociais, econômicos e infraestruturais que assombram essas regiões pesquisadas precisam ser rompidos para que o desenvolvimento alcance essas pessoas que merecem que suas necessidades básicas sejam atendidas de forma igualitária.

**Palavras-chave:** Capital Social. Associação. Agricultura Familiar.

## ABSTRACT

The aim of this dissertation work is to study the social, economic and infrastructural barriers of Small Farmers Associations of Engenho Velho II and Engenho Sitio I, located in the municipality of Paudalho, with poor social capital built in these Communities over the years. Social capital is a theme broadly discussed and that, since the 1980s, has become a kind of panacea for all social problems. Thinking about it, it was decided to extract from James Coleman and Robert Putnam's writings, authors of great importance on the issue of social capital, the main variables that these authors considered important for identifying social capital in rural communities. A questionnaire was designed, covering all important variables, and applied in the two communities, that is, seven interviews in Engenho Velho II and 20 in Engenho Sitio I. For the analysis of results of interviews, besides answers of the questionnaires, one used field work and comparative methods, thus getting good support to analyse indicators of trust and reciprocity, knowledge, social norms and sanctions, networks and civic and community engagement. It was observed that both communities are involved in social, economic and infrastructural barriers what restricts the formation of social capital for promoting the local development. In view of these restrictions, it is possible to foresee that the broad development in terms of roads, good transportation, better schools and health services are postponed. Housing and family development are also suffering the consequences of this lack of capital formation in terms of poor education, lack of good agricultural production, low income profiles and low employment opportunities. Besides this, results of interviews showed that families are skeptical of public help that could come to solve these problems as those from the Municipality and public programmes of development. These low profiles of social capital show the difficulties that affect families and members of these communities and postpone the basic social, economic and infrastructural resources necessary to promote the sustainable development of these communities.

**Keywords:** Social Capital. Association. Family Farming

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Estruturas sociais com e sem “Closure”.....	34
Figura 2 – Sociograma das redes sociais externas dos membros da Associação Engenho Velho II.....	63
Figura 3 – Sociograma das relações internas dos membros da Associação Engenho Velho II.....	64
Figura 4 – Sociograma das redes sociais externas dos membros da Associação Engenho do Sítio I.....	80
Figura 5 – Sociograma das relações internas dos membros da Associação Engenho do Sítio I.....	81

## **LISTA DE QUADROS**

Quadro 1 – Estrutura do Formulário .....	42
Quadro 2 – Elementos básicos para ARS.....	49

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Faixa etária por sexo das famílias do Engenho Velho II .....	51
Tabela 2 – Atividade econômica e/ou ocupação por sexo das famílias da Comunidade Engenho Velho II. ....	52
Tabela 3 – Nível de Instrução por sexo da Comunidade Engenho Velho II .....	52
Tabela 4 – Alternativas para melhorar a produtividade agrícola na Comunidade Engenho Velho II. ....	56
Tabela 5 – Faixa etária por sexo das famílias do Engenho do Sítio I.....	67
Tabela 6 – Atividade Econômica e/ou ocupação por sexo das famílias do Engenho do Sítio I. ....	68
Tabela 7 – Nível de Instrução por sexo da Comunidade Engenho do Sítio I.....	69
Tabela 8 – Alternativa para melhorar a produtividade agrícola na Comunidade Engenho do Sítio I. ....	73
Tabela 9 – Problemas Infraestruturais citados pelos Membros da Associação Engenho do Sítio I. ....	75
Tabela 10 – Meios de Comunicação da Comunidade Engenho do Sítio I. ....	77

## **LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS**

<b>ARS</b>	Análise de Redes Sociais
<b>COMPESA</b>	Companhia Pernambucana de Saneamento
<b>CONDEPE</b>	Agência Estadual de Planejamento e Pesquisas de Pernambuco
<b>FETAPE</b>	Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de Pernambuco
<b>IBGE</b>	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
<b>INCRA</b>	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
<b>IPA</b>	Instituto Agrônômico de Pernambuco
<b>MDW</b>	Making Democracy Work
<b>RD</b>	Região de Desenvolvimento
<b>SEDERMA</b>	Secretaria Municipal de Desenvolvimento Rural e Meio Ambiente

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>14</b>
<b>2</b>	<b>ASPECTOS TEÓRICOS DO CAPITAL SOCIAL.....</b>	<b>18</b>
<b>2.1</b>	<b>CONVERGÊNCIA DE DEFINIÇÕES E FATORES .....</b>	<b>19</b>
<b>2.2</b>	<b>TEORIA FUNCIONALISTA DE COLEMAN .....</b>	<b>21</b>
<b>2.3</b>	<b>A PERSPECTIVA MACROESTRUTURAL PUTNAMIANA .....</b>	<b>24</b>
<b>2.4</b>	<b>ELEMENTOS DETERMINANTES DE CAPITAL SOCIAL NA VISÃO DE COLEMAN E PUTNAM .....</b>	<b>29</b>
2.4.1	CONFIANÇA E RECIPROCIDADE .....	30
2.4.2	CANAIS DE INFORMAÇÃO.....	31
2.4.3	NORMAS E SANÇÕES SOCIAIS .....	32
2.4.4	REDES.....	33
2.4.5	ENGAJAMENTO CÍVICO E COMUNITÁRIO.....	35
<b>3</b>	<b>CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO.....</b>	<b>37</b>
<b>3.1</b>	<b>MUNICÍPIO DE PAUDALHO .....</b>	<b>37</b>
<b>3.2</b>	<b>ENGENHO DO SÍTIO I.....</b>	<b>38</b>
<b>3.3</b>	<b>ENGENHO VELHO II.....</b>	<b>39</b>
<b>4</b>	<b>APORTE METODOLÓGICO .....</b>	<b>41</b>
<b>4.1</b>	<b>MÉTODOS CIENTÍFICOS .....</b>	<b>41</b>
<b>4.2</b>	<b>COLETA DE DADOS.....</b>	<b>44</b>
<b>4.3</b>	<b>ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS .....</b>	<b>45</b>
<b>4.4</b>	<b>MODELO DE ANÁLISE DE REDES SOCIAIS .....</b>	<b>48</b>
<b>5</b>	<b>CAPITAL SOCIAL: PEÇA-CHAVE PARA ELUCIDAR OS ENTRAVES COMUNITÁRIOS.....</b>	<b>50</b>
<b>5.1</b>	<b>ASSOCIAÇÃO DOS PEQUENOS PRODUTORES RURAIS DO ENGENHO VELHO II.....</b>	<b>50</b>
5.1.1	CARACTERIZAÇÃO DAS FAMÍLIAS .....	50
5.1.2	ENTRAVES SOCIAIS, ECONÔMICOS E INFRAESTRUTURAIIS.....	53
5.1.3	CAPITAL SOCIAL.....	57
<b>5.2</b>	<b>ASSOCIAÇÃO DOS PEQUENOS PRODUTORES RURAIS DO ENGENHO DO SÍTIO I.....</b>	<b>67</b>
5.2.1	CARACTERIZAÇÃO DAS FAMÍLIAS.....	67
5.2.2	ENTRAVES SOCIAIS, ECONÔMICOS E INFRAESTRUTURAIIS.....	70
5.2.3	CAPITAL SOCIAL.....	75
<b>6</b>	<b>SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS ENTRE AS ASSOCIAÇÕES ENGENHO VELHO II E ENGENHO DO SÍTIO I.....</b>	<b>84</b>
<b>7</b>	<b>CONCLUSÕES.....</b>	<b>88</b>

<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>91</b>
<b>APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO NA PESQUISA.....</b>	<b>96</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O termo Capital Social foi usado pela primeira vez no final da década de 1910 a partir de um estudo que retratava o aumento da pobreza frente à diminuição das relações sociais. O responsável por este estudo foi Lyda Judson Hanifan, supervisor estadual de escolas rurais, o qual se referia a capital social para designar elementos que somassem na vida das pessoas, tais como boa vontade, companheirismo, simpatia mútua e, sobretudo, as relações sociais (ARAUJO, 2010).

Hanifan (1916) afirma que o uso desses elementos com o maior número possível de vizinhos proporcionaria uma acumulação de capital social capaz de satisfazer as necessidades sociais do indivíduo, assim como de toda comunidade, em contrapartida, assegurava que o indivíduo isolado tornava-se impotente socialmente.

Após as análises de Lyda Judson Hanifan sobre Capital Social, diversos autores retomaram o uso do termo empregando-o em diversas abordagens, como segurança pública, desenvolvimento econômico, entre outras. No entanto, de acordo com Araujo (2010), Pierre Bourdieu, James Coleman e Robert Putnam foram os responsáveis por tratar de maneira sistemática o Capital Social e, sobretudo, por disseminá-lo mundialmente.

Contudo, ao verificar os estudos desses três autores ficam evidentes que suas abordagens dividem-se em dois grupos, sendo o primeiro composto por Pierre Bourdieu e o segundo por James Coleman e Robert Putnam.

Dessa forma, segundo Bourdieu (1980), capital social refere-se ao somatório dos recursos reais ou virtuais que estão disponíveis ao indivíduo ou grupo simplesmente por pertencer a uma rede durável de relações, a qual pode ser mais ou menos institucionalizada, porém de mútuo pertencimento e reconhecimento.

No que tange a segunda perspectiva proposta Coleman e Putnam no final dos anos 80 e início dos anos 90 respectivamente, tem-se que segundo Mahfoud & Massimi (2010), Capital Social é definido como fruto de diferentes elementos com particularidades comuns a todos, isto é, são provenientes de algum aspecto da estrutura social e os indivíduos que os detém possuem facilidades em certas ações, sendo esses elementos expressos por informação, ação coletiva, solidariedade e bem-estar.

Visto que as duas perspectivas sobre Capital Social se apresentam diferenciadas entre si, preferiu-se neste trabalho de dissertação utilizar os recursos disponibilizados no grupo que integra Coleman e Putnam. A escolha dessa perspectiva se deve simplesmente ao maior número de elementos oferecidos que possibilitam análises mais variadas de Capital Social, quer dizer, enquanto que Bourdieu (1980) se debruça nas redes sociais como a principal forma de Capital Social, Coleman (1988) e Putnam (1993) fazem uso de solidariedade, ação coletiva, informação, normas e, também redes sociais, além de outros elementos.

Direcionando então, os olhares apenas para os autores que compõem o segundo grupo, percebe-se a ênfase dada ao associativismo como importante ferramenta de formação de Capital Social. Coleman (1988), em sua obra *“Social Capital in the Creation of Human Capital”* conclui, diante de uma série de análises, que os menores índices de abandono escolar estavam relacionados aquelas escolas que eram vinculadas a atividades associativas religiosas, assim como Putnam (2005), em sua obra *“Making Democracy Work: Civic Traditions in Modern Italy”* ao tentar explicar os melhores índices de desempenho institucional e econômico do norte frente ao sul italiano remete tanto à quantidade de associações, quanto à participação da população nesses tipos de organização.

Ao perceber a importância das atividades associativas para a formação de Capital Social torna-se interessante observar alguns dados que estejam relacionados com tais questões. De acordo com o IBGE (2010), o Brasil, no ano de 2010, contava com um total de 290.692 fundações privadas e associações sem fins lucrativos, representando uma variação positiva de 8,75% em comparação com o ano de 2006. Em relação ao Nordeste, essa variação também foi positiva, apesar de ter sido um pouco menor, 7,84%. Em Pernambuco, verificou-se que, embora representando apenas uma pequena parcela do total nacional, 3%, as instituições sem fins lucrativos do Estado tiveram uma variação superior ao visto, tanto no Brasil como no Nordeste, sendo equivalente a 17,44%, dentro do mesmo intervalo de tempo – 2006 à 2010.

No que tange o município de Paudalho, este foi escolhido como objeto de estudo deste trabalho por ser, de acordo com a Agência Estadual de Planejamento e Pesquisas de Pernambuco - Condepe (1987), um município que se destaca nas atividades de agricultura desde seu período colonial e principalmente por possuir, segundo a Secretaria Municipal de Desenvolvimento Rural e Meio Ambiente (Sederma), quinze

associações de pequenos produtores rurais ativas voltadas a prática de produção agrícola, cujo principal objetivo é produzir e incentivar a atividade de agricultura familiar.

Ainda de acordo com a Sederma, essas associações de pequenos produtores rurais enfrentam muitos problemas, econômicos, sociais e infraestruturais. Tendo em vista que capital social é um tema multidisciplinar e que segundo Portes (2000), desde a década de 1980 é considerado um remédio para todos os problemas, resolveu-se escolher duas associações e verificar: Em que medida os problemas observados nas comunidades Engenho do Sítio I e Engenho Velho II, em Paudalho, Pernambuco, podem estar relacionados com a insuficiência ou falta de Capital Social?

Diante do problema de pesquisa exposto, delineou-se o objetivo geral desta dissertação, assim como, os objetivos específicos, no intuito de construir uma base sólida, para enfim, responder a esta indagação.

Dessa forma tem-se que, o objetivo geral desta dissertação é relacionar os problemas sociais, econômicos e infraestruturais das Comunidades Engenho do Sítio I e Engenho Velho II com a temática capital social.

Para isso, o primeiro objetivo específico da pesquisa é traçar o perfil socioeconômico dos associados. Conhecendo um pouco mais as características da população, é possível compreender melhor, tanto os entraves sociais, econômicos e infraestruturais que essas Comunidades enfrentam, como também, a dificuldade de formação de capital social por parte dos associados.

O segundo objetivo é analisar os problemas sociais, econômicos e infraestruturais que as Comunidades Engenho do Sítio I e Engenho Velho II se deparam dentro da perspectiva dos associados, buscando relacioná-los com a formação de capital social.

O terceiro objetivo caracteriza-se em identificar o capital social dos associados quanto aos elementos disponíveis na literatura de Coleman e Putnam, isto é, informação, confiança, normas e sanções, redes e engajamento cívico e comunitário. Vale ressaltar, que esta etapa do trabalho, também visa relacionar os impactos oriundos da falta de estrutura, econômica, social e infraestrutural, com o nível de capital social dos associados nessas Comunidades.

O quarto e último objetivo propõem uma comparação das informações obtidas nas associações Engenho do Sítio I e Engenho Velho II, destacando assim, as semelhanças e diferenças entre elas.

Por conseguinte, a partir de uma pesquisa exploratória fazendo uso do método observacional e comparativo, além da técnica da entrevista estruturada, com perguntas fixadas aplicadas aos objetivos da pesquisa, é possível obter o suporte necessário para responder ao problema proposto neste trabalho.

Para finalizar esta seção, cabe apenas demonstrar como este trabalho de dissertação está estruturado. Então, o segundo capítulo desta pesquisa refere-se à revisão da literatura, debruçando-se nas principais obras de Coleman e Putnam, assim como, em artigos relacionados, destacando as variáveis utilizadas por estes autores para análise de Capital Social.

O terceiro capítulo retrata a caracterização da área de estudo, a qual se faz necessária pela importância de conhecer as peculiaridades das regiões antes de fazer qualquer tipo de análise, conclusão ou diagnóstico, tendo em vista, que os resultados encontrados podem ser provenientes das minudências desses campos de estudo.

O quarto capítulo retrata os métodos científicos a serem utilizados por este trabalho de dissertação, assim como, as técnicas e os procedimentos necessários. Além, de apresentar as formas que serão coletados os dados, a estrutura do formulário e como se dará a análise e interpretação dos dados coletados.

O quinto capítulo será composto pelos resultados da pesquisa, isto é, por uma análise detalhada das respostas das entrevistas estruturadas, atendendo assim aos três primeiros objetivos específicos propostos por esta pesquisa.

O sexto capítulo refere-se às comparações entre os dados obtidos das associações Engenho do Sítio I e Engenho velho II, isto é, uma discussão sobre as principais diferenças e semelhanças observadas entre essas associações a partir dos dados relatados no capítulo cinco, atendendo, dessa forma, o quarto objetivo específico deste trabalho.

O sétimo e último capítulo refere-se às considerações finais, as quais buscam relacionar a teoria com a prática, verificando se, de fato, o que foi observado na literatura está em consonância com os dados obtidos nas Comunidades Engenho do Sítio I e Engenho Velho II.

## 2 ASPECTOS TEÓRICOS DO CAPITAL SOCIAL

O termo “Capital Social” foi criado por Lyda Judson Hanifan no século XX, mais precisamente em 1916, para expressar a importância das relações sociais na promoção de benefícios não só para o indivíduo, mas para toda sociedade. Em seu trabalho como supervisor estadual de escolas rurais, analisava os centros comunitários de instituições educacionais localizadas no meio rural, e, pôde concluir que o aumento da pobreza nessas regiões se dava na mesma velocidade da diminuição das relações sociais entre a população local (ARAUJO, 2010).

Ainda de acordo com a autora, outros autores aderiram ao termo, e, na década de 1950, John Seeley, sociólogo canadense, se destacou ao realizar um trabalho que permitiu verificar que, ao participar de associações e clubes, a população suburbana tinha mais facilidade de acessar outros bens e direitos. Não obstante, nos anos de 1960, Jane Jacob em sua obra “*Death and life of great American Cities*”, passou a analisar os grandes centros americanos e diagnosticou que redes sociais sólidas contribuíam para formação de capital social, que por sua vez, ajudava na melhoria da segurança pública.

No decorrer da década de 1970, Glenn Loury e Ivan Light, economista e sociólogo respectivamente, debruçaram-se, segundo Fernandes (2002) sobre o conceito de capital social para explicar o desenvolvimento econômico de grandes cidades americanas, e observaram que aqueles cuja confiança e conexão social eram mais presentes, tinham mais capacidade e oportunidade de obter pequenos negócios, como era o caso dos asiáticos-americanos, e o contrário, como os afro-americanos, tinham mais dificuldade de manter certa coesão social e, portanto, não conseguiam desenvolver-se. No entanto, isso se dava também por questões históricas, sendo os afro-americanos marcados pela escravidão.

A partir dos anos de 1980, de acordo com Silva, S. (2010), Pierre Bourdieu em sua obra “*Le Capital Social – Notes Provisories*”, James Coleman em “*Social Capital in the Creation of Human Capital*”, e Robert Putnam em “*Making Democracy Work: civic traditions in modern Italy*”, publicadas respectivamente em 1980, 1988 e 1993, foram os responsáveis por tratar de forma sistemática o termo Capital Social e, além disso, por popularizá-lo mundialmente. No entanto, vale ressaltar que, embora Pierre Bourdieu tenha sido um dos principais autores dentro da literatura sobre Capital Social, a sua linha de pensamento, como visto anteriormente, não atende a proposta deste

trabalho, que é analisar capital social sobre vários elementos (informação, confiança etc.), e por isso, suas ricas discussões sobre o tema não serão explanadas. Contudo, Coleman e Putnam são os autores que fundamentam este trabalho e suas obras mencionadas acima e outras contribuições serão debatidas pormenorizadamente mais para frente.

A partir do breve histórico foi possível observar como o termo Capital Social surgiu e como veio sendo utilizado ao longo desses anos, além disso, ficou claro a que basicamente se refere, pois embora se tenha percebido que os contextos são diferenciados, isto é, ora se debate Capital Social no meio rural, ora urbano, ora o relacionando com o desenvolvimento, ora com segurança pública, ou com pobreza, em todos os momentos fica nítido a importância da ação coletiva e das relações sociais, ou seja, do indivíduo dentro de uma perspectiva de cooperação numa sociedade.

Dentro desse contexto, Araujo (2010), afirma que Capital Social, a partir da década de 1990 tornou-se um termo debatido em diversas áreas de conhecimento, exatamente por ser um assunto elástico que pode ser relacionado a uma infinidade de questões. Apesar das várias faces as quais o tema pode ser apresentado, ressalva-se que existe uma convergência de definições relacionadas ao tema, quer dizer, sociólogos, economistas entre outros especialistas, por mais que direcionem Capital Social para seus campos de estudo, a essência do termo não muda, está sempre associada às relações sociais.

Assim sendo, a seção seguinte apoia-se nas semelhanças entre James Coleman e Robert Putnam, na tentativa de mostrar exatamente a convergência em suas definições e nos seus fatores determinantes de Capital Social, sendo isto, importante no sentido de que será possível compreender melhor o conceito de Capital Social e, sobretudo, as principais variáveis utilizadas por estes autores para contemplação do tema. Além disso, ao tratar das semelhanças existentes entre esses autores ficará mais claro o porquê desses autores pertencerem a um mesmo grupo, como foi observado na parte introdutória deste trabalho.

## **2.1 *Convergência de definições e fatores***

De acordo com Pistore e Paim (2013), existe uma convergência entre as definições de Capital Social em meio a muitos autores que direcionaram seus esforços nos estudos deste tema.

Dentro desse pensamento, Tzanakis (2013) afirma que além das definições, dois autores, Coleman e Putnam, possuem também semelhanças nos fatores determinantes de Capital Social, quer dizer, muitas das variáveis tidas por Coleman, tais como: confiança, redes e normas, para expressar, representar ou mesmo que fosse necessário para construção de Capital Social, também foram utilizadas como importantes ferramentas de Putnam em suas obras para o mesmo fim.

Segundo Boeira e Borba (2006 apud Higgins, 2005), na tentativa de apresentar tais semelhanças entre esses autores, é possível verificar que a construção de Capital Social possui dois focos, um político, o qual se distinguem assimetrias na obtenção de recursos por meio de redes de relação social, e outro utilitarista ou econômico, o qual permite a obtenção de recursos presentes nas estruturas de relação social via as relações de troca simétricas. No foco político, o destaque foi dado às obras de Pierre Bourdieu, enquanto que no foco utilitarista, a ênfase foi dada a James Coleman. Contudo, ao tratar do cientista político Robert Putnam, o autor o define como tradicionalista, sendo suas obras tributárias do modelo utilitarista de Coleman. E, a partir disso, já é possível entender melhor o porquê de tantas semelhanças entre esses autores (Coleman e Putnam).

De acordo com Vieira (2008) citando Higgins (2005), Putnam toma como ponto de partida epistemológico o referencial colemaniano, isto é, Putnam constrói ferramentas empíricas para analisar a relação entre Capital Social e os problemas da ação coletiva, sendo então, dentro desse contexto, o conceito de Capital Social entendido como um conjunto de característica da organização social (confiança, normas e sistemas) assim como na perspectiva de James Coleman.

Tzanakis (2013), reforça o que foi dito por Vieira (2008) quando afirma que os princípios teóricos sugeridos ou implícitos por Coleman foram fundamentais para a formulação do Capital Social de Putnam. E diante disso, a maioria das críticas atribuídas a Coleman também foram direcionadas a Putnam, haja visto suas semelhanças conceituais de Capital Social.

Diante então dessa reflexão quanto à convergência de definições e fatores de Capital Social entre Coleman e Putnam, faz-se necessário analisar melhor suas obras, como uma forma de obter as informações quanto às ferramentas utilizadas para trabalhar o tema e posteriormente aplicá-las dentro do contexto comunitário em Paudalho, área de estudo deste trabalho de dissertação.

## 2.2 *Teoria Funcionalista de Coleman*

De acordo com Aquino (2000), James Coleman ganhou destaque a partir da década de 1960, quando apresentou ao Congresso dos Estados Unidos um relatório afirmando ser melhor o desempenho escolar de crianças negras e pobres em escolas de classe média, onde a segregação racial não havia. Apesar de sua notoriedade em assuntos polêmicos envolvendo a educação, para o próprio autor, sua grande contribuição foi na área da sociologia, com sua obra intitulada “*Foundations of Social Theory*”, publicada em 1998.

Segundo Saul (2008), esta grandiosa obra contou com vários textos publicados anteriormente pelo autor. E, como não seria diferente, também foi nesta obra em que o conceito de Capital Social foi aprimorado, sendo o mesmo já desenvolvido em sua obra “*Social Capital in the Creation of Human Capital*”, publicada no *American Journal of Sociology*, em 1988.

Dentro desse contexto, segundo Tzanakis (2013), Coleman segue duas tradições teóricas, sendo a primeira uma teoria funcionalista da ação social condicionada pela estrutura social e a segunda, uma teoria racional.

Na visão racional de Coleman, Castro, I. (2006) afirma que cada ator tem controle sobre certos recursos e interesses em determinados recursos e acontecimentos, dessa forma, o capital social constitui um gênero particular de recurso disponível para um ator.

Assim sendo, Coleman (1988) define Capital Social como:

Social capital is defined by its function. It is not a single entity but a variety of different entities, with two elements in common: they all consist of some aspect of social structures, and they facilitate certain actions of actors - whether persons or corporate actors - within the structure (COLEMAN, 1988:S98).

A partir dessa definição, Fialho (2008) enfatiza que o conceito de capital social tido por Coleman trata-se de um aspecto inerente à estrutura das relações entre as pessoas, isto é, o capital social não se concentra no indivíduo, mas é um atributo do contexto (estrutura) o qual o indivíduo se insere. E, portanto, o capital social é um bem público, e diferentemente das outras formas de capital, não se desgasta com seu uso, pelo contrário, se fortalece.

Além da definição de capital social, que é de suma importância para o entendimento do tema, Coleman (1988) lança mão de três formas de capital social, as quais são: obrigações, expectativas e confiança, canais de informação e normas e sanções sociais. Vale acrescentar, que para o autor, essas formas, como visto anteriormente, não pertencem ao indivíduo, mas sim, a estrutura social que este se insere, sendo essas formas disponíveis a partir das relações sociais entre esses agentes.

As obrigações, expectativas e confiança, a primeira forma de capital social, conforme Coleman (1988) é bem expressa a partir de um pedido de favor e a realização do mesmo, quer dizer, se o indivíduo A realiza um favor para o indivíduo B, A espera que B retribua esse favor no futuro, gerando assim uma expectativa em A e uma obrigação em B. Dessa forma, o capital social depende de dois fatores, a confiança no ambiente, que significa que os favores realizados serão retribuídos, e a verdadeira extensão das obrigações.

De acordo com Silva e Santos (2009) no que se refere aos canais de informação, a segunda forma de capital social expressa por Coleman, sabe-se que se trata de um atributo das relações sociais que é fundamental para constituição das ações, possui um baixo custo e pode ser considerada como uma troca de favores, obediência a normas ou simplesmente, uma adaptação a uma relação de autoridade. No entanto, vale acrescentar que a aquisição de informação, dentro de uma rede social, é um processo necessário, mas, nem sempre é de fácil absorção.

A terceira forma de capital social remete as normas e sanções sociais, que segundo Baquero e Hammes (2006) dentro da abordagem Colemaniana, são elas que impulsionam os indivíduos a batalharem pelo bem coletivo, deixando de lado os interesses próprios e imediatos.

Na tentativa de caracterizar as formas de capital social de uma maneira mais próxima da realidade, Coleman (1988) descreve situações que ocorrem em quatro lugares do mundo. O mercado atacadista de diamantes em New York é um desses exemplos, sendo este mercado caracterizado por comerciantes confiarem a um avaliador a análise do valor das pedras de diamantes ali entregues, não havendo nenhuma garantia de que as pedras não seriam trocadas ou substituídas, no entanto trata-se de um comércio praticamente familiar de origem judaica, que facilita exacerbadamente estas negociações.

Outro exemplo diz respeito aos estudantes ativistas radicais sul-coreanos que por estarem na mesma escola, ou cidade ou igreja acabam se unindo em defesa ou contra alguma situação, seja ela política ou não, e que posteriormente criam vínculos de estudos entre os participantes gerando uma forma de capital que para o autor é extremamente valiosa. O terceiro exemplo relata a mudança de uma mãe com seis filhos e seu marido de Detroit para Jerusalém, sendo o motivo explicado pela estrutura normativa deste último, que garante às crianças desacompanhadas o cuidado por adultos mais próximos, ou seja, se por ventura os pais dessas crianças estivessem impossibilitados de olhar seus filhos no momento de lazer, os adultos que estivessem naquela redondeza absorvem essa obrigação. Por último, tem-se o caso do mercado Kahn El Khalili do Cairo, que segundo o autor parece uma loja de departamento, sendo em muitos casos imperceptível a divisão entre uma loja e outra, ainda mais, os próprios comerciantes fazem questão de acompanhar os clientes em outras lojas, caso o que procure não tenha na sua.

Nesses exemplos as três formas de capital social as quais Coleman desenvolvem são observadas no cotidiano das pessoas ao redor do mundo. Vale ressaltar que essas formas de capital social como se pode observar são benéficas às pessoas inseridas naquele contexto, assim como é possível deduzir que a falta dessas formas de capital social nessas situações geraria uma série de prejuízos. Logo, a partir da identificação dessas formas de capital social, como feito agora, se poderá analisar o quanto elas são benéficas, caso estejam presentes, ou maléficas, caso esteja ausente, nas comunidades do Engenho do Sítio I e Engenho Velho II.

Após definir capital social a partir de uma visão funcionalista e racional e desenvolver as formas as quais o capital social pode ser representado, Coleman (1990), demonstra como o capital social pode ser visto de maneira estrutural. De acordo com Fialho (2003), essa formulação do autor se baseia nas teorias de redes, estando o comportamento do indivíduo alicerçado na rede de relações sociais que ele estabelece e/ou mantém.

Assim sendo, ressalta-se que este ponto (redes sociais), é outro aspecto que será analisado neste trabalho, isto é, a partir da identificação de todos os grupos sociais os quais um indivíduo pertence, se poderá verificar se a geração de capital social é suficiente ou insuficiente para promover benefícios a toda comunidade, ou simplesmente, se é capaz de ajudar o desempenho das associações ali presentes.

### 2.3 *A Perspectiva Macroestrutural Putnamiana*

De acordo com Frey (2003), o cenário atual de uma economia crescentemente globalizada que visa, sobretudo, o lucro imediato, provida de uma democracia liberal, a qual carece de legitimidade, frente a um Estado enfraquecido, fez com que novos conceitos, os quais vão além do mercado e Estado, ganhassem força, visando fundamentalmente uma economia mais solidária, participativa, cujo cidadão é ativo e engajado na promoção do bem coletivo. Dentro desse contexto, a concepção de capital social recebeu imenso destaque, principalmente através do debate desenvolvido a respeito do desenvolvimento local promovido pela publicação do livro *Making Democracy Work* (MDW) de Robert Putnam, em 1993.

Segundo Costa (2013), é incontestável que a importância de capital social no meio acadêmico, assim como para as políticas de governo e agências de fomento estão vinculadas diretamente a publicação desta obra (MDW), sendo a mesma responsável por apontar a cultura cívica, a descentralização política, o associativismo, a confiança e o estoque de capital social como indicadores do desenvolvimento econômico e social do norte da Itália, em detrimento do sul da Itália.

Dessa forma, de acordo com Fernandes (2002), *Making Democracy Work* refere-se a um estudo empírico cujo início se deu por volta de 1970 a 1990, tendo como objeto de estudo a descentralização do governo italiano. O autor afirma que Putnam utilizou 20 regiões italianas e aplicou uma metodologia comparativa a partir da análise fatorial e de regressões múltiplas. Esta obra contou com cerca de 700 entrevistas com conselheiros regionais, três baterias de entrevistas com líderes comunitários e seis sondagens eleitorais junto à população. Diante desse quadro, é incontestável que se trata de uma grandiosa obra, digna de ser reconhecida como uma das principais obras referente à capital social.

De acordo com Menezes et al (2012), a perspectiva putnamiana do conceito de capital social é macroestrutural, ultrapassando a abordagem individual e, sustentando-se na concepção do desenvolvimento regional local, argumentando através do capital social concebido pela confiabilidade demonstrada as disparidades dos níveis e resultados observados com relação às 20 regiões italianas.

Ainda dentro desse contexto, as concepções defendidas por Putnam revelam que a confiança constitui importante, se não o mais importante, indicador putnamiano de

capital social, embora sua mensuração seja um tanto dificultosa, ao mesmo tempo que, as organizações como sindicatos e partidos políticos constituem um tipo de incubadora de preparação cívica, logo, à medida que se fortalecem diminuem-se os déficits de capital social (MENEZES et al 2012).

Assim sendo Putnam (2005, p. 177) conceitua “[...] o capital social diz respeito a características da organização social, como confiança, normas e sistemas, que contribuam para aumentar a eficiência da sociedade, facilitando as ações coordenadas.”

Não obstante, Frey (2003) afirma que capital social na perspectiva putnamiana é sinônimo da existência de confiança social, normas de reciprocidade, redes de engajamento cívico e de uma democracia saudável e vital. E, além disso, a formação do estoque de capital social é resultante de um longo processo histórico.

Segundo Borges e Perondi (2012), para Putnam as tradições cívicas ou o grau de civismo de uma determinada população é designada pelo seu processo histórico, sendo este pressuposto que deriva a compreensão do autor no que se refere a capital social.

De acordo com Fernandes (2002), Putnam em sua investigação constatou que as regiões localizadas no norte da Itália possuíam cidadãos mais engajados civicamente, ao mesmo tempo em que as relações políticas eram horizontais e a estrutura social baseava-se na confiança e colaboração. O contrário se observava no Sul da Itália, onde as relações políticas eram verticais, os cidadãos viviam isolados e a desconfiança era um traço cultural marcante. Sem dúvidas, essas diferenças regionais proporcionaram-nas efetivamente disparidades no desempenho institucional e econômico, e, portanto, Putnam lança mão dos aspectos históricos do país para explicar os mais diversos contrastes entre essas regiões.

Ao longo dos anos, isto é, de geração após geração, o comportamento cívico do norte da Itália era fundamentado em ações coordenadas e confiança recíproca, sendo isto responsável pelos altos índices de desempenho institucional e econômico. Tal cenário foi explicado por Putnam através do conceito de capital social, expresso, em grande parte pelo associativismo. A presença de capital social no norte italiano, assim como, sua ausência no sul, respondem as disparidades no desempenho institucional e econômico observados nessas regiões (FERNANDES, 2002).

Certas estruturas e práticas sociais incorporam e reforçam as normas e os valores da comunidade cívica. [...] No âmbito interno, as associações inculcam em seus membros hábitos de cooperação, solidariedade e espírito público. [...] No âmbito externo, a “articulação de interesses” e a “agregação de interesses”, como chamam os grandes cientistas políticos deste século, são intensificadas por uma densa rede de associações secundárias. (PUTNAM, 2005, p. 103-104).

Contudo, *Making Democracy Work* foi alvo de muitas críticas, entre elas destaca-se a hipótese levantada por Putnam, a qual afirma que um maior grau de associativismo resulta um melhor desempenho institucional. Segundo Fernandes (2002 *apud* Levy, 1996), existe um hiato entre os mais diversos tipos de associações e organizações que de fato influenciam a política ativa. Além disso, outras questões impactam o engajamento cívico, ou seja, as associações são apenas uma parte da explicação no que tange cidadania ativa e capital social no caso italiano. No entanto, ressalta-se que as críticas referentes a esta obra não a desmerece, sendo a mesma ainda considerada uma das mais importantes sobre capital social na literatura acadêmica.

Outra obra de grande destaque do autor foi *Bowling Alone* publicada no ano de 2000. Neste estudo, de acordo com Frey (2003), Putnam busca entender a transformação da vida cívica presenciada nos Estados Unidos após a Segunda Guerra Mundial. Identifica como responsáveis pelo menor grau de engajamento cívico e conectividade social nos estados do sul do país os diferentes padrões de imigração e o sistema de escravidão. No entanto, para alcançar tal resultado, Putnam recolheu um significativo material estatístico vinculado aos assuntos comunitários locais dos anos de 1960 a 1970, sendo então possível verificar que de uma maneira geral houve um declínio no engajamento político nos últimos trinta anos.

Ressalta-se que a importância dada ao associativismo em *Bowling Alone* é semelhante, segundo Frey (2003) ao observado na obra anterior (*Making Democracy Work*), tendo em vista que um dos elementos utilizados para análise do engajamento político nos EUA foi a diminuição da disposição de se associar a partidos políticos e outras organizações sociais e políticas locais. Diz ele:

Este declínio do associativismo não se restringe à vida política, mas se manifesta em todas as esferas da vida cívica e se estende ao envolvimento em grupos religiosos, sindicatos de trabalho, associações de pais e professores e outros tipos de organizações cívicas e fraternais. Até os encontros e atividades sociais informais, o trabalho voluntário e a filantropia têm diminuído significativamente, apesar de existirem algumas tendências antagônicas que, de acordo com Putnam não são suficientemente relevantes para poder contrariar o diagnóstico geral. (FREY, 2003, p. 177).

De acordo com Cardoso (2012) que nitidamente possui a mesma visão de Frey (2003), Putnam se mostra pessimista ao analisar o declínio do engajamento cívico, pois as maiores mudanças que ocorreram ao longo dos anos se mostraram mais impactantes exatamente naquelas atividades voltadas à comunidade, isto é, atividades cujo capital social era mais expressivo. Dessa forma, mesmo tendo verificado que o número de associações era crescente, o perfil dessas assumem um novo padrão, focando na defesa de interesses frente às associações de estrutura comunitária. Ressaltando-se que dentro da abordagem de capital social incorporada por Putnam, o que importa é uma filiação ativa, comprometida, ou seja, uma participação real, a qual se distingue da filiação formal.

Dentro desse contexto de associações com padrões diferentes, Frey (2003) afirma que Putnam ao utilizar uma abordagem quantitativa se depara com o dilema de como tratar os diferentes tipos de associações, tendo em vista que fazer parte de um partido político é, sem dúvida, extremamente diferente de ser sócio de uma escola de samba. Para tal, o autor assume uma diferença entre capital social excludente (“*Bonding Social Capital*”) e capital social incluyente (“*Bridging Social Capital*”). O primeiro refere-se ao fortalecimento do próprio grupo, sendo em muitos casos à custa das pessoas externas à organização. O segundo trata-se de algo mais abrangente, isto é, da criação de redes de relacionamentos entre diferentes grupos sociais. Assim sendo:

Uma sociedade equilibrada deve combinar as duas categorias. Isto porque capital social excludente é bom para fazer emergir reciprocidade específica e mobilização de solidariedade. Densas redes em grupos étnicos, por exemplo, promovem um suporte social e psicológico crucial para seus membros menos afortunados, ao mesmo tempo em que providenciam maiores oportunidades através, por exemplo, de vagas no mercado de trabalho para os mesmos. (SANTOS, C., 2006, p. 22).

Sendo assim, as organizações e associações às quais Putnam considera mais eficientes para a promoção do espírito comunitário ou mesmo do capital social são justamente aquelas cujas características proporcionam exclusão, “*Bonding social capital*”, isto é, aquele tipo de capital social que busca trabalhar a favor da privatização dos espaços e questões públicas (FREY, 2003).

Não obstante, de acordo com Putnam (2000), o que houve nos EUA foi exatamente uma reorientação do engajamento cívico, quer dizer, uma tendência das novas gerações em fazer parte das novas formas de associações, as quais são os movimentos sociais e as organizações de terceiro setor, o que para o autor significa uma deterioração qualitativa do capital social ou engajamento cívico, tendo em vista, que tais

organizações não promovem conectividade entre membros, nem mesmo, engajamento direto, e, por isso, esses grupos não representam a democracia participativa.

Depois de escrito duas importantes obras sobre capital social, segundo Santos, C., (2006), Putnam e colaboradores reconhecem o caráter multidimensional do tema, assim como, assume sua preocupação no sentido levantar questões referentes às transformações sociais utilizando apenas mais ou menos capital social para explicá-las. Dessa forma, tendo em vista esses percalços, o autor junto com colaboradores reuniu uma série de artigos dos mais diversos autores que se debruçaram sobre o tema nas democracias industriais avançadas que integram a OECD e buscou traçar as tendências gerais do capital social nos últimos anos em sua mais recente publicação, *Democracy in Flux*, em 2002.

De acordo com Bresser-Pereira (2005), Putnam e Goss afirmam que o capital social de uma determinada comunidade ou Estado-nação é dado de acordo com o tamanho e a intensidade das redes sociais existentes entre os indivíduos. Além disso, a interação social é responsável por resolver os problemas da ação coletiva, assim como, encorajam as pessoas a agirem de maneira confiável.

Dentro desse contexto tem-se que, Putnam e Goss (2002) alegam que no contexto mundial existe um processo generalizado de desengajamento cívico. E, dessa forma, de acordo com Baquero (2003), tais autores assumem que esse processo pode ser revertido não pela existência de instituições, mas sim pelo fortalecimento das redes de solidariedade entre os cidadãos.

Não obstante, Santos, C. (2006) faz um breve resumo das conclusões obtidas por Putnam e Goss em *Democracy in Flux* e revela que houve um declínio na participação em massa nas eleições, partidos políticos, sindicatos e igrejas, grupos sociais que são tidos como fundamentais na estrutura comunitária, constituindo, assim, um declínio no capital social e na confiança social. Além disso, os autores enfatizam sua preocupação com relação as novas formas de conexões sociais, as quais se mostram menos focadas em atividades coletivas, ao mesmo tempo que, o perfil dos sindicatos e partidos deixaram de ser movimentos sociais e passaram a ser postos de trabalhos assalariados.

Porém, o grande progresso dessa obra de Putnam está em reconhecer o papel do Estado quanto a sua possibilidade de formar capital social através das políticas públicas, sendo exatamente essa prerrogativa algo de muitas críticas nos seus trabalhos anteriores.

A partir das análises das principais obras de Robert Putnam, pode-se identificar a priori que o autor em *Making Democracy Work* considera a confiança mútua uma das mais importantes formas de capital social, além das normas e sistemas. Em seguida, em *Bowling Alone*, Putnam relaciona capital social à quantidade de associações e conceitua duas formas diferentes de capital social relacionando-as com o perfil dessas organizações, o excludente, que para o autor é a melhor forma de capital social tendo em vista que há uma participação real dos seus membros e o capital includente, que admite a interação entre grupos, porém de uma maneira mais distante.

Em *Democracy in Flux*, Putnam mais uma vez recorre às redes sociais como importante fonte de capital social e pela primeira vez admite a importância do Estado como fomentador desse ativo. Dessa forma, agregando essas informações com os objetivos propostos por este trabalho, o qual nesta etapa é a busca dos elementos que podem ser considerados importantes fontes de capital social, tem-se que, confiança, normas, sistemas, redes e o engajamento cívico e comunitário, são os principais aspectos analisados por Putnam para análise capital social, sendo então esses elementos que serão analisados nas comunidades do Engenho do Sítio I e Engenho Velho II, junto com aqueles observados na literatura de Coleman.

#### **2.4 Elementos Determinantes de Capital Social na Visão de Coleman e Putnam**

A partir das discussões realizadas nas seções anteriores das principais obras de Coleman e Putnam foi possível analisar previamente um conjunto de elementos aos quais esses autores utilizaram para fundamentar seus estudos sobre capital social. Pensando nesses elementos, que na verdade são os componentes-chave deste trabalho, tendo em vista que os mesmos serão aplicados nos estudos de campo e permitirão os futuros resultados a respeito do capital social nas comunidades Engenho do Sítio I e Engenho Velho II, resolveu-se listá-los e descrevê-los com mais detalhe.

De acordo com Castro (2009), a razão que proporcionou o surgimento do tema ocorreu a partir de um consenso entre os pioneiros no estudo de capital social em admitir que as variáveis econômicas fossem insuficientes para produzir o desenvolvimento social. Dessa forma, entre muitos autores, Coleman destacou-se ao discutir sobre obrigações recíprocas, canais de informações e normas e sanções sociais, como as principais variáveis para explicar o fenômeno. Em seguida, Putnam lançou mão

da confiança, normas e sistemas, além do engajamento cívico e comunitário para alcançar o mesmo objetivo.

Segundo Portes (2000), Coleman foi o responsável por dar início à utilização dessas variáveis como mecanismos geradores de capital social ao incluir em seus próprios estudos as expectativas de reciprocidade e as normas impostas pelo grupo, o acesso privilegiado a informações e a organização social ideal para o acúmulo de capital social. Da mesma forma, Putnam ao tomar como base epistemológica as obras de Coleman também fez uso da confiança, normas e sistemas, além disso, complementou seus trabalhos dando ênfase ao envolvimento associativo, comportamento participativo na comunidade, ou seja, o engajamento cívico e comunitário.

Apesar de identificar algumas variáveis comuns entre esses autores, é perceptível que em algumas delas o contexto social desenvolvido pelos autores é completamente diferente. Ao mesmo tempo, pode-se perceber que existem variáveis que são particulares a cada um deles. Desse modo, a seguir tais semelhanças e particularidades serão explanadas.

#### **2.4.1 Confiança e Reciprocidade**

De acordo com Locke (2001), é possível dividir a literatura a respeito da confiança em duas diferentes perspectivas. A primeira refere-se à abordagem sociológica do tema, que conceitua confiança como um produto de longo prazo de padrões históricos de associativismo, comprometimento civil e interações extrafamiliares. A segunda remete a uma perspectiva econômica, isto é, o interesse próprio, cálculo de custos e benefícios de atores maximizadores de utilidade.

Dentro desse contexto, segundo Albagli e Maciel (2002), Putnam em estudos recentes vem atrelando confiança à reciprocidade, isto é, de uma maneira geral, a confiança proporciona a interação, a qual reforça condutas generalizadas de reciprocidade. Dessa forma, o autor identifica a reciprocidade generalizada como uma peça fundamental do capital social a partir de um aspecto voltado a sociologia.

Siisiäinen (2000) afirma que na visão Putnamiana confiança e reciprocidade podem ser considerados dois fatores, cuja interação se dá através de um ciclo virtuoso, resultando em um equilíbrio social, o qual manifesta-se em níveis elevados de cooperação, confiança, reciprocidade, atividade cívica e, sobretudo, bem-estar coletivo.

A confiança promove a cooperação. Quanto mais elevado o nível de confiança numa comunidade, maior a probabilidade de haver cooperação. E a própria cooperação gera confiança. A progressiva acumulação de capital social é uma das principais responsáveis pelos círculos virtuosos da Itália cívica. (PUTNAM, 2005, p. 180).

Siisiäinen (2000) por fim complementa que para Putnam as associações voluntárias são as formas mais significativas de interação horizontal e de reciprocidade, tendo em vista que aumentam os custos potenciais de um desertor, fomenta normas robustas e ainda são capazes de facilitar a comunicação e melhorar o fluxo de informações.

No diz respeito a Coleman, Tzanakis (2013) afirma que o autor ao finalizar a analogia entre capital financeiro e capital social identifica os possíveis recursos de capital para um determinado indivíduo através das obrigações e expectativas, utilizando um termo visivelmente econômico, “deslizamentos de crédito”, para indicar a quantidade de obrigações que o ator A possui frente à quantidade de expectativas do ator B. Dentro desse contexto, Coleman (1988) percebe que todo esse processo de obrigações e expectativas só é possível a partir de uma estrutura social baseada em relações de confiança, o que proporciona um elo entre os atores envolvidos.

#### **2.4.2 Canais de Informação**

Diante da literatura revisada nas seções anteriores de Coleman e Putnam é possível perceber que quanto aos canais de informações apenas Coleman debruça-se diretamente sobre esse elemento. Inclusive, o autor classifica-os como uma das três formas de capital social a qual o indivíduo dentro de uma estrutura social pode angariar.

Coleman (1988) afirma que os canais de informações são importantes por tratar-se de algo básico para as ações dos indivíduos. Ressalva ainda, que a aquisição de informação é custosa e escassa, e, por isso, é essencial o uso constante e permanente das relações sociais, ao mesmo tempo em que, é preciso ter muita atenção para absorver o máximo de informações possíveis.

Vale ressaltar que Coleman, segundo Albagli e Maciel (2002), em seus estudos buscou refinar o conceito de capital social, assim como, inseri-lo numa estrutura teórica mais ampla, e por isso, estabeleceu vínculos entre capital social e acesso a recursos. Dessa forma, pode-se concluir que os trabalhos do autor derivaram-se de seu interesse em associar as abordagens da sociologia e da economia. E, assim sendo, Coleman, no

que tange ao elemento em questão, informação, também utilizou métodos matemáticos para discutir sobre o assunto.

Aquino (2000) comenta sobre os procedimentos matemáticos de Coleman afirmando que o mesmo é um adepto da teoria de escolha racional, e, por isso, se submeteu a um cálculo para verificar até que ponto vale a pena o indivíduo buscar informações para tomar uma boa decisão. Pensando nisso, a ideia é que, quando o ator perceber que a aquisição de informações suplementares atingiu custos muito elevados, deve-se admitir que os resultados de sua ação será bom o suficiente, assim sendo, pode dar sequência a ação.

Dessa forma, é perceptível que para Coleman os canais de informação estabelecidos a partir das relações sociais constituem um elemento chave na tomada de decisão, isto é, na ação do indivíduo.

### **2.4.3 Normas e Sanções Sociais**

Segundo Santos, F. (2003), do ponto de vista Colemaniano, as normas e sanções sociais constituem uma poderosa forma de capital social, uma vez que são capazes de trazer recompensas positivas tanto no processo de acumulação de capital humano, como também no crescimento econômico de uma sociedade.

De acordo com Coleman (1988), as normas e sanções não só facilitam certas ações positivas como também constriam aquelas negativas, ou seja, em uma comunidade com normas fortes e eficazes, pessoas podem andar sozinhos à noite (ação positiva) restringindo assim, a atividade de criminosos (ação negativa).

Albagli e Maciel (2002) afirmam que esta terceira forma de capital social descrita por Coleman, é capaz de encorajar os indivíduos a trabalharem por um bem coletivo e abrir mão dos interesses próprios imediatos. No entanto, para as três formas de capital social, o autor enfatiza tanto os impactos positivos quanto negativos, quer dizer, da mesma forma que o capital social pode facilitar certas ações, também pode prejudicar outras.

Sobre os impactos negativos do capital social voltados a normas e sanções sociais, Fialho (2008) comenta que as normas e sanções possuem exatamente essas características, pois em muitos casos, as normas podem viabilizar certas ações, as quais

inclusive já foram mencionadas, como andar na rua à noite, mas podem constranger outras positivas, como por exemplo, reduzir a inovação em uma comunidade, entre outras situações.

Embora iniciado este tópico por Coleman, que considera as normas e sanções como uma das formas de capital social, não quer dizer que Putnam também não seja enfático quanto a esse elemento, pelo contrário, em seu próprio conceito de capital social, Putnam (2005) já se mostra envolvido nessa perspectiva, afirmando que as normas são um dos traços da vida social, e que, portanto, contribuem para aumentar a eficiência da sociedade.

Desse modo, para Putnam (2005), as regras são integralizadas numa comunidade de duas maneiras, ou por condicionamento e socialização (ex.: educação cívica) ou via sanções (ex.: exclusão de eventos comunitários, multas, etc.). Dentro desse contexto o autor afirma que as normas, em sua grande parte, se estabelecem primeiramente por reduzirem os custos de transação e segundo, por facilitar a cooperação. Além disso, Putnam considera as regras de reciprocidade como o mais importante tipo de norma, nesse caso, as regras de reciprocidade “balanceada” refere-se a trocas de ativos de mesmo valor, enquanto que as regras de reciprocidade “generalizada” consistem numa troca permanente de favores ou ativos.

A regra da reciprocidade generalizada é um componente altamente produtivo do capital social. As comunidades em que essa regra é obedecida têm melhores condições de coibir o oportunismo e solucionar os problemas da ação coletiva. (PUTNAM, 2005, pp. 182).

Não obstante, Silva e Santos (2009) afirma que “reciprocidade generalizada” é uma troca permanente de expectativas de retribuição de favores no futuro, porém movida através da confiança, a qual permite relações horizontais, densas e de larga abrangência.

#### **2.4.4 Redes**

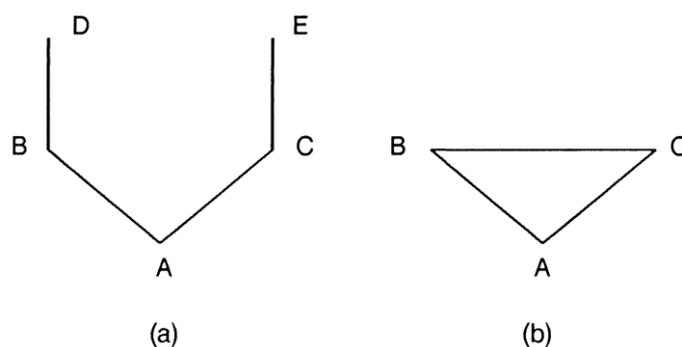
As redes de relações sociais é uma variável bastante explorada nos estudos realizados por Coleman, uma vez que o autor em diversos momentos frisa a importância dos “*Closures*” nas estruturas sociais para a implantação das formas de capital social mencionadas anteriormente, seja confiança, canais de informação e normas e sanções sociais.

Para Portes (2000), a ideia de “*Closures*” é bastante esclarecedora, referindo-se a existência, entre certo número de atores, de laços suficientes para tornar eficientes as normas impostas. Pensando nisso, o autor revela que as redes densas representam uma condição para a emergência do capital social.

Segundo Santos, F. (2003), os “*Closures*” também permitem a proliferação de obrigações e expectativas e afirma que em estruturas abertas as aplicações de sanções coletivas que garantem confiança não podem ser estabelecidas.

De acordo com Coleman (1988), nas estruturas sociais onde não são perceptíveis os “*Closures*” existe certa dificuldade em limitar as externalidades negativas, uma vez que os agentes não podem se unir para aplicar sanções naqueles que não cumprem as normas.

**Figura 1 – Estruturas sociais com e sem “Closure”**



**Fonte:** Coleman (1988:S106).

Na rede (a) é possível verificar que o agente A se comunica com B e C, que por sua vez não possuem ligação entre si, ainda é fácil perceber que A não tem contato com D e E, assim como esses últimos não se comunicam entre si, logo se pode concluir que não há o que o autor chama de “*closure*”, ou seja, um fechamento entre os agentes que tornasse possível a relação entre todos eles. Assim sendo, diz Coleman, se por ventura A realizasse uma ação que proporcionasse uma externalidade negativa em B e/ou C, os mesmos não teriam como se unir em prol de gerar uma sanção para A. O contrário ocorre na rede (b), haja vista que B e C podem se unir e promover uma sanção para A (COLEMAN, 1988).

Ao analisar esta variável partindo dos estudos de Putnam (2005), é possível observar que o mesmo refere-se a redes como sistemas de participação cívica, e também, enfatiza esta variável como um poderoso elemento de formação de capital

social. O autor enumera quatro efeitos secundários que uma intensa interação horizontal pode provocar.

Eles aumentam os custos potenciais para o transgressor em qualquer transação individual. [...] Eles promovem sólidas regras de reciprocidade. [...] Eles facilitam a comunicação e melhoram o fluxo de informações sobre a confiabilidade dos indivíduos. [...] Eles corporificam o êxito alcançado em colaborações anteriores, criando assim um modelo culturalmente definido para futuras colaborações (PUTNAM, 2005, pp. 183).

A partir dessa abordagem de sistemas, Silva, D. (2010) complementa afirmando que Putnam admite que capital social volta-se as conexões estabelecidas diante das redes sociais para gerar as normas de reciprocidade e confiabilidade, fazendo com que esses elementos garantam sua existência.

Não obstante, é possível perceber que a visão de Coleman e Putnam é bastante semelhante nesse quesito, uma vez que ambos reiteram a importância das redes como elemento fundamental para colocar em prática as outras formas de capital social.

#### **2.4.5 Engajamento cívico e comunitário**

Engajamento cívico e comunitário é algo diretamente explicitado nos trabalhos de Putnam. Em muitos momentos de seus estudos, seja *Making Democracy Work*, ou *Bowling Alone*, a questão dos indivíduos dentro do contexto de envolvimento social é bastante retratada.

Castro (2006) afirma que a ligação das pessoas com a vida em comunidade e não só vinculada aos aspectos políticos é algo de extrema relevância para autor, sendo esta característica da vida social denominada por Putnam como engajamento cívico e comunitário. Não obstante, em seus estudos na América – *Bowling Alone*, o autor admitiu primeiramente que o surgimento da televisão deu início a uma série de problemas, seja a diminuição da leitura de jornais ou um menor envolvimento cívico dado pela participação em organizações voluntárias ou não, vinculados a outros aspectos observados da organização social como, a pressão profissional e de tempo, mobilidade residencial, suburbanização, inserção da mulher no mercado de trabalho e ainda a ruptura do casamento e das ligações familiares.

Em *Making Democracy Work*, cujo objeto de estudo foi a Itália, o engajamento cívico e comunitário não passou despercebido, apesar de que em *Bowling Alone* o seu foco ter sido maior. Putnam (2005), ao analisar o civismo comunitário na Itália lança

mão de alguns princípios, sendo o primeiro a participação cívica, isto é, a participação em negócios públicos, a busca do interesse público em detrimento do interesse individual e particular, além da recusa ao “familismo amoral”, quando maximiza-se as vantagens familiares admitindo que todos farão o mesmo.

O segundo refere-se a igualdade política, que pode ser expressa através dos direitos e deveres iguais a todos, cooperação e relações horizontais de reciprocidade. O terceiro remete a solidariedade, confiança e tolerância, características indispensáveis para tornar cidadãos virtuosos e assim comunidades cívicas.

O quarto e último, as associações, cujo autor as considera como estruturas sociais da cooperação. Vale ressaltar que para analisar esses princípios Putnam recorreu a algumas variáveis, inclusive algumas já mencionadas em seus estudos na América, como o número de clubes desportivos, o número de leitores de jornais, o comparecimento as urnas e a utilização dos votos preferenciais. Então, Putnam (2005) conclui seus estudos na Itália indicando que essas quatro variáveis possuem, de fato, uma forte correlação com a ideia de comunidade cívica, a qual o mesmo apresentou.

A partir da discussão realizada a respeito dos cinco principais elementos que Coleman e Putnam consideram como importantes ferramentas para análise de capital social pode-se então dar continuidade ao trabalho, mostrando na próxima seção as características das duas Comunidades, Engenho do Sítio I e Engenho Velho II, que representam o objeto de estudo deste trabalho.

### **3 CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO**

#### **3.1 *Município de Paudalho***

O município de Paudalho, de acordo com a Condepe/Fidem (2012) situa-se na mesorregião Mata Pernambucana, na microrregião, Mata Setentrional Pernambucana e na região de desenvolvimento Mata Norte. Limitando-se, ao norte com o município de Tracunhaém, ao sul, com São Lourenço da Mata, Chã de Alegria, Glória do Goitá e Camaragibe, a leste, com Paulista e Abreu e Lima e a oeste, com Lagoa de Itaenga e Carpina.

No que diz respeito a seu processo histórico, o atual município de Paudalho começou a ser ocupado no final do século XVI a partir da exploração do Pau Brasil, sendo posteriormente fundado na região um aldeamento de índios que se chamava Miritiba próximo ao rio Capibaribe, mais precisamente no ano de 1591, pelos franciscanos. Durante o século XVII, Bartolomeu de Holanda Cavalcante ergueu o Engenho Aldeia na antiga Miritiba. Haja vista ser um local propício para a agricultura canavieira, vários outros engenhos se instalou na redondeza, até que em 1789 esta região passou a ser considerado um distrito, denominado de Pau d'algo, devido uma árvore localizada na região exalar um aroma parecido ao do alho, e em 16 de maio de 1812 a município, tendo em vista seu acelerado desenvolvimento (CONDEPE, 1987).

Nos dias atuais, de acordo com o IBGE (2010b), o município de Paudalho possui cerca de 280 km<sup>2</sup> e conta com uma população de 51.357 habitantes. Integrado a Região de Desenvolvimento (RD) Mata Norte, este município possui uma taxa de analfabetismo da população com 10 anos ou mais de idade equivalente a 19,44%, menor que a RD a qual pertence. A taxa de mortalidade infantil por mil nascidos vivos é de 12,94%, sendo menor em comparação a RD e o Estado, cujas taxas equivalem a 13,03% e 15,25% respectivamente. O PIB per capita é de R\$ 5.153,00, inferior ao da RD e praticamente metade do PIB per capita estadual. Sendo então esses dados um retrato da situação a qual o município apresenta nos aspectos econômicos, sociais e demográficos.

### 3.2 *Engenho do Sítio I*

O assentamento rural do Engenho do Sítio foi criado em Maio de 1999, quando os sindicatos de trabalhadores rurais de Paudalho e São Lourenço da Mata verificaram que a área em questão não estava sendo plenamente explorada pela Usina Petribú. Dessa forma, algumas famílias de trabalhadores rurais sem terra, dos respectivos municípios, se juntaram e acamparam no local, solicitando, em seguida, a desapropriação do imóvel ao INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) <sup>1</sup>.

Tendo em vista a construção da Barragem de Goitá pela Companhia Pernambucana de Saneamento (Compesa), a área do Engenho do Sítio foi dividida em duas partes, a parte norte (Engenho do Sítio I), localizada no município de Paudalho, e a parte sul (Engenho do Sítio II), localizada no município de São Lourenço da Mata.

Dessa forma, o Engenho do Sítio I, campo de estudo deste trabalho, possui uma área registrada de 665,0478 ha, limitando-se ao norte com terras da Fazenda Collier e com pequenas granjas de diversos proprietários, ao sul, com a bacia hidráulica da Barragem do Goitá, ao leste com terras do Engenho Velho e por fim, a oeste, com terras do Engenho Souto.

Em estudos realizados pelo INCRA, no ano anterior a criação efetiva do assentamento rural, isto é, em 1998, percebeu-se que 42% desta área estavam sendo utilizadas para culturas permanentes e pastagens plantadas, 48% era não utilizada sob a forma de capoeira, 6% se tratava de preservação permanente e finalmente, 4% da terra era inaproveitável para o cultivo agrícola. Tendo em vista esse retrato do uso da terra, através de um decreto a área foi transferida para os atuais assentados.

Quanto aos fatores condicionantes para uso da terra em questão tem-se que o clima na região do Engenho do Sítio I é tropical chuvoso com verão seco, mantendo uma temperatura média anual de 24,3°C. O tipo de formação vegetal é Floresta ombrófila aberta, sendo as principais espécies o Ipê Amarelo, Visgueiro, Pau Ferro, Pau Brasil e Pau d'arco. Seu relevo pode ser caracterizado como ondulado, forte ondulado e relevo plano. E, esta área apresenta uma rede hídrica composta por vários riachos e nascentes, tendo em vista que o Rio Goitá agora pertence ao Governo do Estado de Pernambuco.

---

<sup>1</sup> A seção referente à caracterização da área do Engenho do Sítio I e Engenho Velho II foi construída através de informações fornecidas pelo INCRA.

Por conseguinte, tendo em vista os fatores condicionantes para o uso da terra do Engenho do Sítio I, ressalta-se que as culturas agrícolas no terreno por vezes podem ser impossibilitadas pelo tipo de relevo, sendo este favorável a culturas protetoras do solo, de ciclo longo nas encostas dos morros e de ciclo curto nas áreas de chãs e várzeas.

### **3.3 *Engenho Velho II***

O assentamento rural Engenho Velho II foi criado em Outubro de 1999, e todo seu processo de efetivação foi bem semelhante ao do assentamento Engenho do Sítio I, tendo em vista que a partir dos sindicatos dos trabalhadores rurais de Paudalho e São Lourenço da Mata, os quais verificaram que o imóvel não estava sendo utilizado de forma intensiva pela Usina Tiúma, incentivaram a ocupação do terreno por parte das famílias de trabalhadores rurais sem terra, e posteriormente, solicitaram ao INCRA a desapropriação do imóvel.

Este assentamento rural também foi dividido em duas partes por conta da construção da Barragem de Goitá pela Compesa. Logo, o Engenho Velho I pertence ao município de São Lourenço da Mata e o Engenho Velho II, ao município de Paudalho, sendo então este último também área de estudo deste trabalho de dissertação.

Dessa forma tem-se que o Engenho Velho II possui uma área de 221,9983 ha, limitando-se ao norte com terras do antigo Engenho Cajueiro Claro, que atualmente se transformou em diversas granjas, ao sul, com terras do Engenho Novo, a leste, com a margem esquerda da Barragem do Goitá e finalmente, a oeste, com terras do Engenho Sítio Novo.

Com relação ao estudo da terra quanto a sua utilização, o INCRA, em 1998, também um ano antes do imóvel ser desapropriado via decreto e ser concedido as famílias de trabalhadores rurais sem terra, verificou que apenas 33% do terreno estava sendo utilizado para pastagem natural, 61% era não utilizado sob a forma de capoeira e capoeirão, e em média 5% era de preservação permanente. Ressalta-se que praticamente não havia terra inapropriável para o cultivo no Engenho Velho II, isto é, apenas 0,4 ha do terreno encontravam-se nesta situação, sendo esta área destinada às estradas do imóvel.

No que tange os fatores condicionantes do uso da terra no Engenho Velho II tem-se que o clima na região é tropical chuvoso ou megatérmico, com chuvas de outono-inverno. O tipo de formação vegetal na região do imóvel é floresta sub-

perenifolia destacando-se as espécies conhecidas por Embaúba, Cedro e Jatobá. O relevo, assim como no Engenho do Sítio I, é ondulado, fortemente ondulado e ocorrem por vezes áreas planas. Quanto a sua rede hidrográfica, existem atualmente, alguns riachos intermitentes de pequena expressividade, pois os rios e riachos que havia no imóvel agora pertencem à Barragem do Goitá, no entanto, como o imóvel encontra-se na microrregião da Mata Setentrional Pernambucana praticamente inexistente déficit hídrico.

De acordo com o INCRA, este imóvel apresenta uma boa potencialidade agrícola em decorrência de sua fertilidade natural, sendo então favorável a culturas de cana-de-açúcar, milho, feijão, mandioca, além de fruticulturas regionais. Porém, em áreas com declividades acentuadas o uso da terra deve ser preferencialmente com pastagens.

Vale acrescentar que outras questões que caberiam nesta seção, como sociais, econômicas e infraestruturais, serão discutidas no capítulo 5, quando serão analisados os entraves das Comunidades Engenho do Sítio I e Engenho Velho II a partir da perspectiva dos associados.

## 4 APORTE METODOLÓGICO

A finalidade central da ciência é simplesmente conhecer a veracidade dos fatos, o que dessa maneira não a torna diferente das outras formas de conhecimento, no entanto, o que promove a diferenciação do conhecimento científico em relação aos demais é unicamente sua verificabilidade, isto é, identificar os procedimentos/métodos técnicos e mentais para que se consiga chegar à verificação dos fatos (GIL, 2008).

Lakatos (2003) conceitua método como um conjunto de atividades sistemáticas e racionais que proporcionam maior segurança e economia para se alcançar os resultados.

Nas ciências sociais, os métodos específicos mais utilizados são: o experimental, o observacional, o comparativo, o estatístico, o clínico e o monográfico, além desses, ainda considera-se o método do questionário, da entrevista, dos testes, entre outros, e dessa forma, a coleta de dados deixa de ser um procedimento técnico e se torna um método. Ressalva-se ainda que, é comum nas ciências sociais a utilização da combinação desses métodos, pois em muitos casos, um único método não é capaz de gerar conclusões verídicas e confiáveis (GIL, 2008).

Por conseguinte, esta dissertação fez uso da combinação de alguns métodos citados acima para alcançar os objetivos propostos. Primeiramente foi necessário utilizar o método da entrevista para atender os três primeiros objetivos, e posteriormente, o método comparativo, que permitiu alcançar o quarto e último objetivo, somando-se a todos eles o método observacional, fundamental para a pesquisa social, como é o caso.

Assim sendo, a subseção seguinte faz referência aos métodos que foram utilizados neste trabalho científico, abordando-os de forma mais compassada para que se possa perceber como a pesquisa foi realizada.

### 4.1 *Métodos Científicos*

A entrevista é um dos procedimentos de coleta de dados mais empregado nas ciências sociais, sendo definido como uma técnica que proporciona o investigador permanecer frente ao investigado lhe fazendo perguntas que permitem alcançar os objetivos esperados. A entrevista pode ser realizada de maneira **informal**, quando se pretende apenas obter uma visão generalizada do problema, **focalizada**, como o próprio

nome denomina é uma entrevista focada num assunto específico, por **pauta**, quando possui uma estruturação razoável forçando o investigador a seguir uma lista de temas pré-estabelecidos e por fim, **estruturada**, a qual faz uso de perguntas fixas, isto é, de um formulário, para todos os entrevistados (GIL, 2008).

Dentre muitas vantagens, a entrevista estruturada permite que as respostas sejam comparadas e quantificadas, sendo possível fazer uso de procedimentos estatísticos que conseguem expressar melhor tais resultados. (LAKATOS, 2003).

Dessa forma, esta dissertação fez uso da entrevista estruturada se valendo de um formulário, como é possível constatar no apêndice A, com perguntas pré-fixadas que facilitaram o uso de técnicas estatísticas passíveis de comparação.

O formulário foi direcionado aos membros/associados das associações pesquisadas, e está disposto conforme o Quadro 1, da seguinte forma:

**Quadro 1 – Estrutura do Formulário**

SEÇÕES	VARIÁVEIS	OBJETIVOS
Perfil Socioeconômico	Idade, sexo, ocupação, nível de instrução, atividade econômica, etc.	Cruzar as características dos associados com os resultados obtidos nas próximas seções do formulário.
Entraves Sociais, Econômicos e Infraestruturais.	Principais problemas na produção, na locomoção, na obtenção de recursos para produzir, infraestrutura e etc.	Análise dos problemas e cruzamento com as variáveis de capital social.
Capital Social	Confiança e Reciprocidade, canais de informações, normas e sanções sociais, redes e engajamento cívico e comunitário.	Análise dessas variáveis como proposições de soluções dos problemas listados da comunidade, associações e associados.

**Fonte:** Elaborado pela autora.

Realizada a pesquisa de campo e obteve-se as informações acima, tem-se que as relações internas expressas pelas ligações entre os associados entrevistados não foram identificadas, tendo em vista que esta etapa só poderia ser realizada depois de verificar os associados que foram entrevistados nessa primeira fase da pesquisa. Assim sendo,

após realizada a pesquisa de campo e levantada as informações a respeito do perfil socioeconômico das famílias, os entraves e capital social, a segunda etapa da pesquisa referiu-se a busca de informações a respeito das relações internas entre os associados, isto é, os vínculos de amizade e companheirismo entre os membros entrevistados na primeira fase da pesquisa. Além disso, em seguida, fez-se necessário verificar se os entrevistados concordavam ou não que as relações internas eram importantes na construção de capital social.

Depois de realizadas as duas etapas da pesquisa de campo nas Associações Engenho do Sítio I e Engenho Velho II e suas respectivas análises, o próximo passo foi realizar o método comparativo entre elas, atendendo ao quarto objetivo aqui sugerido.

Segundo Gil (2008), o método comparativo é utilizado quando se pretende enfatizar as diferenças e semelhanças da investigação de um fenômeno, fato, indivíduo ou classe, e mesmo parecendo em muitas ocasiões um método um tanto superficial, sua utilização muitas vezes é baseada num controle bastante rigoroso permitindo a obtenção de um grau de generalização elevado.

Dessa forma, nesta dissertação o método comparativo foi útil no sentido de identificar proposições de soluções para os problemas identificados de cada associação, permitindo assim que as qualidades de uma sejam sugeridas a outra e vice e versa.

Ressalta-se que o método observacional, o qual de acordo com Gil (2008) pode ser uma poderosa ferramenta de análise nas pesquisas sociais, foi utilizado de maneira conjunta com os outros métodos descritos acima, principalmente junto com a técnica da entrevista, quer dizer, na medida em que os entrevistados respondiam as perguntas, seus comentários também foram levados em conta, e daí a importância desse método na formulação das análises.

Tendo explicado os métodos e técnicas da pesquisa, ou seja, o formulário que foi aplicado juntamente com os reais interesses de cada seção que o compõem, o método comparativo e o método observacional, faz-se necessário discutir como ocorreu o processo de escolha das associações comunitárias, assim como a definição da amostra com relação aos associados destes grupos sociais. Na subseção seguinte todos esses procedimentos serão abordados com mais detalhes.

## 4.2 *Coleta de Dados*

De acordo com Gil (2008) a pesquisa social, na maioria das vezes, se depara com um amplo número de elementos, sendo impossível ou inviável considerá-los em sua totalidade. Dessa forma, a definição de uma amostra que represente toda a população a ser estudada é a maneira frequentemente utilizada pelos pesquisadores sociais.

Existem vários tipos de amostragem, os quais podem ser distribuídos em dois grupos, amostragem probabilística e amostragem não probabilística. De acordo com Kauark et al (2010), as amostras probabilísticas se valem de sorteios e podem ser **casuais simples**, quando os elementos da população possuem a mesma chance de fazer parte da amostra, **casuais estratificadas**, quando a amostra se dá por meio da seleção de cada subgrupo do universo considerado, e **por agrupamento**, quando a seleção da amostra é baseada em um conglomerado devido à dificuldade de identificação de todos os elementos da população. No que se referem às amostras não probabilísticas, aquelas que não fazem uso de fundamentos estatísticos e/ou matemáticos, as mesmas podem ser **acidentais** (acessibilidade ou conveniência), quando é composta por acaso, **por cotas**, quando se tem vários elementos constantes da população na mesma proporção e por fim, **intencionais**, quando se escolhe a amostra que representa a população.

Não obstante, essa dissertação fez uso de dois tipos de amostragem não probabilística, isto é, a escolha das associações e posteriormente dos associados a esses grupos.

Através de visitas ao município de Paudalho/PE e participações em eventos promovidos pela Secretaria Municipal de Desenvolvimento Rural e Meio Ambiente (Sederma) escolheu-se duas associações ativas e representativas em atividades de agricultura familiar, caracterizando assim o tipo de amostragem intencional.

Já a escolha dos associados desses grupos, o processo de amostra mais viável foi por acessibilidade, principalmente devido às dificuldades encontradas em localizar tais pessoas. Ressalva-se que, por exemplo, a Associação Engenho do Sítio I possui uma área registrada de mais de 600 hectares e conseqüentemente existe uma distância considerada entre as parcelas. Então, a aplicação dos formulários aconteceu na maioria das vezes nas reuniões que ocorrem mensalmente nas sedes dessas associações, algumas

visitas também foram feitas nas parcelas dos assentados e em eventos na prefeitura do Município.

De acordo com o INCRA (2014), a Associação dos Pequenos Produtores Rurais do Engenho Velho II é representada por um total de 19 famílias. Então, durante as reuniões foi possível entrevistar cinco famílias que estavam ali presentes, além dessas, foram realizadas mais duas visitas em parcelas de assentados, totalizando sete famílias entrevistadas, ou seja, aproximadamente 37% do total das famílias do Engenho Velho II fizeram parte dessa amostragem.

A Associação dos Pequenos Produtores Rurais do Engenho do Sítio I, segundo o INCRA (2014), é composta por um total de 71 famílias, sendo possível contemplar um total de 20 associados entrevistados, os quais representam 28% da população dessa Comunidade. Vale ressaltar, que as entrevistas nessa Associação também não ocorreram apenas nos momentos de reuniões, tendo em vista que o número de pessoas não era significativo para o total da população. Então, além das reuniões, também foram necessárias visitas nas parcelas dos associados, que ocorreram especificamente entre os períodos de novembro e dezembro de 2014.

### **4.3 *Análise e Interpretação dos Dados***

De acordo com Gil (2008), a análise dos dados tem como objetivo principal organizar e resumir os dados de uma forma que os mesmos possam fornecer respostas para o problema proposto a ser investigado, enquanto que a interpretação dos dados procura um significado mais amplo das respostas, precisando retomar os conhecimentos anteriormente obtidos. Dessa forma, o processo de análise e interpretação dos dados foram de acordo com os planos da pesquisa, sendo a mesma uma pesquisa social, como é o caso, alguns passos devem ser observados, tais como: estabelecimento de categorias; codificação; tabulação; análise estatística dos dados, avaliação das generalizações e inferência das relações causais e por fim, a interpretação dos dados.

O estabelecimento de categorias representa o agrupamento das respostas em situações previamente acordadas, isso acontece quando o pesquisador se depara com as mais diversas respostas e para organizá-las e analisá-las de forma coerente faz-se necessário criar mecanismos que permitam ao pesquisador simplificar as respostas por grupos. Ressalta-se que no caso do formulário que foi aplicado nas comunidades do

Engenho do Sítio I e Engenho Velho II, as questões em sua maioria são fechadas, e, portanto, já se estabeleceu um prévio agrupamento das respostas dos entrevistados.

A codificação refere-se ao processo de transformar em símbolos os dados brutos obtidos. Ressalta-se que este procedimento pode ser realizado antes ou depois da coleta dos dados e é importante no sentido de facilitar a tabulação e análise dos mesmos, assim sendo, neste trabalho este procedimento foi feito após a coleta dos dados.

A tabulação dos dados consiste no agrupamento e contagem dos casos nas mais variadas categorias de análise. A tabulação simples é caracterizada pela contagem das frequências das categorias de cada conjunto, enquanto que a tabulação cruzada faz uma ligação entre dois ou mais conjuntos de categorias. Ainda dentro desse contexto, a tabulação pode ser feita manualmente com uso de lápis e papel ou eletronicamente com o uso de um computador. Não obstante, o uso da tabulação simples e cruzada foram realizadas neste trabalho, assim como os dados foram tabulados eletronicamente.

A análise estatística dos dados trata-se de um recurso comumente utilizado nas pesquisas sociais, e costuma ser útil no sentido de caracterizar e resumir os dados, assim como, mostrar as relações existentes entre variáveis estudadas e em que medida tais conclusões podem estender-se para além da amostra considerada. Logo, a descrição dos dados pode ser feita através das medidas de tendência central (média aritmética, mediana, moda etc.) e medidas de dispersão (amplitude, desvio-padrão, desvio médio, etc.), a determinação da força da relação entre as variáveis a qual requer testes de hipóteses para verificar a relação entre a variável independente e dependente e a avaliação da significância dos dados, o qual permite identificar se os resultados obtidos podem ser generalizados para além da amostra, isto é, para toda população, utilizando os testes de significância.

Além desses procedimentos estatísticos, ainda existe a possibilidade de utilizar a análise multivariada, isto é, a análise de múltiplas variáveis dentro de um relacionamento ou conjunto de relações, esse tipo de análise permite identificar a influência de um conjunto de variáveis sobre outras, e assim, estabelecer relações causais entre as mesmas. Assim sendo, neste trabalho a análise estatística dos dados foi realizada de forma muito simples, isto é, só foram utilizadas as medidas de tendência central, tendo em vista que se tratando de uma pesquisa social a análise qualitativa costuma ser muito mais encorpada do que a análise quantitativa, a qual requer a

estatística como elemento fundamental, dessa forma tem-se que o uso da mesma se fez bastante superficial.

De acordo com Gil (2008), as pesquisas definidas como estudos de campo, estudos de caso, pesquisa-ação ou pesquisa participante, fazem uso de forma quase que generalizada dos recursos analíticos de natureza qualitativa.

Silva e Menezes (2005) conceituam pesquisa qualitativa da seguinte forma:

Considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. Não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. É descritiva. Os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem (p.20).

Dentro desse contexto, Gil (2008 apud Miles e Huberman, 1994) apresenta três etapas que costumam ser seguidas na análise de dados qualitativa, redução, exibição e conclusão/verificação.

A redução dos dados corresponde ao processo de seleção dos dados obtidos no trabalho realizado em campo. Esta etapa caracteriza-se em selecionar, focar, simplificar, abstrair e transformar os dados brutos em sumários organizados que sejam de acordo com os objetivos do trabalho.

A exibição ou apresentação dos dados consiste na organização dos dados de maneira que permita uma análise sistemática das semelhanças e diferenças das respostas dos entrevistados e conseqüentemente dos resultados obtidos. Textos, diagramas, mapas ou matrizes são mecanismos comumente utilizados para apresentação e análise dos dados.

Por fim, a conclusão dos dados requer uma revisão no que tange o significado dos dados, suas regularidades, padrões e explicações, enquanto que a verificação é uma confirmação das conclusões emergentes, ou seja, é um diagnóstico de que as conclusões são fidedignas, defensáveis e principalmente, capazes de suportar explicações alternativas.

Levando em consideração, tanto as análises quantitativas quanto qualitativas, tem-se que este trabalho realizou uma combinação dessas análises, utilizando os mecanismos qualitativos de maneira mais intensiva enquanto que os quantitativos de forma superficial.

No que diz respeito à interpretação dos dados, etapa que vem logo em seguida da análise dos dados, refere-se a um processo que vai muito além do que apenas a leitura dos dados, e sim, busca um sentido mais amplo das respostas e resultados obtidos integralizando-os a um universo que pode proporcionar algum sentido. Dessa forma, os fundamentos teóricos junto com os conhecimentos acumulados em relação aos temas abordados são essenciais, tendo em vista que auxilia o pesquisador a delimitar o problema, construir hipóteses e, sobretudo, analisar e interpretar os dados (GIL, 2008).

Tendo observado como se procedeu a análise e interpretação dos dados coletados, a próxima seção refere-se ao modelo de Análise de Redes Sociais (ARS), uma vez que este foi utilizado para mostrar como se comportam as relações sociais dos assentados das Comunidades aqui consideradas.

#### **4.4 Modelo de Análise de Redes Sociais**

De acordo com Azevedo e Rodriguez (2010), a análise de redes sociais (ARS) é um estudo das relações entre os indivíduos de uma rede, dos canais de informação e das conexões, podendo ser então aplicado a redes formais, informais e muitas outras, auxiliando assim a percepção das formas de conexões dos indivíduos que estão ligados a uma rede. Ressalta-se ainda que esta análise de redes sociais é fundamentada por *softwares* que realizam o mapeamento das redes e assim, facilitam suas análises. Como não seria diferente, ao tratar das relações sociais (redes) entre os membros das Associações se fez uso do *software* Ucinet.

Ucinet trata-se de um pacote completo para análise de redes sociais, que inclui medidas de centralidade, subgrupo de identificação, análise de papel, teoria de grafos elementares e permutação baseada em análise estatística (AZEVEDO E RODRIGUEZ, 2010).

Tendo em vista que o intuito é apenas identificar as redes sociais dos associados de tais Comunidades em relação aos outros grupos sociais que cada um pertence dentro ou fora da comunidade, assim como, as relações internas expressas através das ligações entre vizinhos e amigos, a utilização do programa se deu apenas a partir dos grafos elementares.

Dessa forma tem-se que, conforme Freitas (2008), os grafos representam a análise visual das redes sociais, cujos nodos representam as entidades, tais como: pessoas, instituições, grupos, etc., enquanto que as setas indicam os relacionamentos

existentes. Quando unidos, os nodos e as setas permitem a visualização da rede como um todo.

De acordo com Azevedo e Rodriguez (2010 apud Lago Júnior, 2005), as estruturas básicas para as análises das redes sociais podem ser descritas através do Quadro 2 abaixo.

**Quadro 2 – Elementos básicos para ARS.**

Ator	É cada indivíduo, setor ou departamentos que interligado à rede.
Ligações	São representações gráficas de linhas que conectam os pontos (atores).
Subgrupos	São os subconjuntos de atores de uma determinada rede. A formação destes subconjuntos pode estar relacionada com posição hierárquica, localização, afinidade, idade, escolaridade, sexo. Quando envolvem ligações entre dois atores são denominados díades e quando as ligações envolvem três atores são tríades e quando as ligações envolvem três atores são denominados tríades.
Relação	É um tipo específico de ligações de um determinado grupo.
Tamanho	É a quantidade de conexões existentes entre os atores de uma rede.
Densidade	É o quociente entre o número de ligações existentes pelo número de ligações possíveis em uma determinada rede. potencialidade da rede em termos de fluxo de informações, ou seja, quanto maior a densidade mais intensa é a troca de informações na referida rede e vice-versa.

**Fonte:** Azevedo e Rodriguez (2010 apud Lago Júnior, 2005).

Através deste quadro e toda a discussão sobre ARS é possível o entendimento dos grafos que foram inseridos no trabalho. E, portanto, a seção seguinte já pode ser explanada, a qual discutirá os resultados obtidos na pesquisa de campo.

## **5 CAPITAL SOCIAL: PEÇA-CHAVE PARA ELUCIDAR OS ENTRAVES COMUNITÁRIOS.**

A partir da discussão da literatura, assim como, da metodologia a ser aplicada nesse trabalho de dissertação, esta quinta etapa caracteriza-se pela explanação dos resultados obtidos através dos formulários aplicados *in loco* e as observações feitas pelos próprios associados ao responderem as perguntas que lhes foram feitas. Vale acrescentar apenas que esta seção será composta primeiramente pelos resultados obtidos na Associação dos Pequenos Produtores Rurais do Engenho Velho II e em seguida do Engenho do Sítio I.

### **5.1 ASSOCIAÇÃO DOS PEQUENOS PRODUTORES RURAIS DO ENGENHO VELHO II**

#### **5.1.1 Caracterização das famílias**

A caracterização das famílias das comunidades em questão é de extrema importância tendo em vista que em diversas situações o perfil socioeconômico é o que será capaz de responder as indagações que surgirão ao longo das análises a serem feitas, tais como, os problemas sociais, econômicos e infraestruturais, bem como, capital social. Pensando nisso, esta subseção refere-se a uma breve explanação dos principais pontos que descrevem bem e caracterizam de forma sintética tal perfil socioeconômico.

Assim sendo, a partir dos formulários preenchidos percebeu-se que as sete famílias entrevistadas somam um total de 25 (vinte e cinco) membros, ou seja, uma média de 3,6 moradores por domicílio. Sendo, desses 25 membros, 13 pertencentes ao sexo feminino, isto é, 52%, frente aos 12 que pertencem ao sexo masculino, representando assim 48% da população entrevistada.

Ressalta-se, no entanto, que mais da metade da população masculina entrevistada, isto é, aproximadamente 60%, como é possível observar na tabela 1, integra a faixa etária dos intervalos de 30 – 44 e 45 – 59, mostrando assim, certo amadurecimento da população masculina frente à feminina, a qual mais de 60% se insere nas faixas etárias de 0 – 14, 15 – 29 e 30 – 44.

Tendo em vista esse retrato das idades da população masculina e feminina do Engenho Velho II, é possível compreender melhor a posição familiar que os homens e as mulheres exercem dentro da estrutura familiar. Assim sendo tem-se que, das treze representantes do sexo feminino apenas duas mulheres assumem o papel de chefe familiar, cinco são esposas e as outras cinco, filhas. No que diz respeito ao sexo masculino, dos doze representantes, cinco são considerados chefe da família, seis são filhos e apenas um, esposo.

**Tabela 1 – Faixa etária por sexo das famílias do Engenho Velho II.**

Faixa Etária	Masculino	(%)	Feminino	(%)
0 – 14	01	8,3	03	23,1
15 – 29	03	25,0	03	23,1
30 – 44	03	25,0	02	15,4
45 – 59	04	33,3	02	15,4
60 ou +	01	8,3	03	23,1
<b>Total</b>	<b>12</b>	<b>100,0</b>	<b>13</b>	<b>100,0</b>

**Fonte:** Pesquisa de Campo, 2014.

Ainda dentro desse contexto, através da tabela 2, é possível analisar a atividade econômica e/ou ocupação aos quais se destinam os homens e as mulheres da comunidade Engenho Velho II, e este quesito é também um reforço do que foi dito acima, ou seja, a faixa etária somada à atividade econômica e/ou ocupação exercida, mostram o porquê dos homens, em sua maioria, angariam uma posição familiar tão forte, a de chefe, quer dizer, na medida em que os homens possuem faixas etárias mais elevadas, eles também exercem atividades econômicas que são mais bem remuneradas e, portanto, são considerados chefe de família.

Dessa forma, nota-se que os homens do Engenho Velho II exercem principalmente as atividades de agricultura, agropecuária, comércio e serviço, e apenas um é estudante. No que se refere às mulheres, 38% são estudantes, 15% dedica-se à agropecuária e são aposentadas, outros 15% exerce somente agropecuária e o restante dedica-se a agricultura, comércio, agropecuária, serviço e pesca.

**Tabela 2 – Atividade econômica e/ou ocupação por sexo das famílias da Comunidade Engenho Velho II.**

Atividade Econômica e/ou ocupação	Masculino	(%)	Feminino	(%)
Agricultura	02	16,7	01	7,7
Agropecuária	02	16,7	02	15,4
Comércio	02	16,7	01	7,7
Agropecuária e Serviço	03	25,0	00	0,0
Agropecuária e Comércio	01	8,3	00	0,0
Agropecuária, Serviço e Pesca	00	0,0	01	7,7
Agropecuária e Aposentado (a)	01	8,3	02	15,4
Agricultura e Aposentado (a)	00	0,0	01	7,7
Estudante	01	8,3	05	38,5
<b>Total</b>	<b>12</b>	<b>100,0</b>	<b>13</b>	<b>100,0</b>

**Fonte:** Pesquisa de campo, 2014.

Tendo em vista que a questão da educação foi mencionada, vale analisar o cenário atual do nível de instrução por sexo dessa comunidade, e através da tabela 3, fica nítido que a maioria da população, isto é, tanto a população masculina como a feminina, frequentou a escola até o intervalo da primeira série à quarta série do ensino fundamental. Em seguida, é perceptível que do primeiro ano do ensino médio ao terceiro, também referindo aos dois sexos, é o segundo intervalo do nível de instrução que concentrou boa parte da população. Vale apenas acrescentar que no sexo feminino, em média 20% é analfabeta, assim como em ambos os sexos não existem indivíduos que possuam curso técnico, nem superior, seja incompleto ou completo.

**Tabela 3 – Nível de Instrução por sexo da Comunidade Engenho Velho II**

Nível de Instrução	Masculino	(%)	Feminino	(%)
Analfabeto	00	0,0	03	23,1
Analfabeto e assina o nome	01	8,3	00	0,0
Alfabetizado	00	0,0	00	0,0
1F a 4F	06	50,0	06	46,2
5F a 8F	02	16,7	00	0,0
1M a 3M	03	25,0	04	30,8
Curso técnico	00	0,0	00	0,0
Superior incompleto	00	0,0	00	0,0
Superior completo	00	0,0	00	0,0
<b>Total</b>	<b>12</b>	<b>100,0</b>	<b>13</b>	<b>100,0</b>

**Fonte:** Pesquisa de Campo, 2014.

Outra variável de extrema importância dentro do contexto de caracterização familiar diz respeito ao rendimento médio mensal, o qual é obtido através do somatório das rendas dos indivíduos pertencentes a uma família e em seguida, dividido pelo total

de pessoas que essa família possui, depois de obtido a média do rendimento familiar tira-se uma média das médias dos rendimentos familiares e, como não seria diferente, é possível obter o rendimento médio mensal das famílias entrevistadas. Assim sendo, detectou-se que na Comunidade Engenho Velho II o rendimento médio mensal das famílias entrevistadas foi equivalente a cerca de R\$ 500,00 (quinhentos reais), valor este inferior ao salário mínimo, que no ano de 2014 se iguala a R\$ 724,00 (setecentos e vinte e quatro reais). Dessa forma, admitindo-se que o salário mínimo é o mínimo para garantir uma qualidade de vida relativamente equilibrada pode-se então concluir que as famílias dessa Comunidade vivem abaixo dessa margem, e, portanto, não conseguem se equiparar a um padrão mínimo de bem-estar econômico.

Tendo em vista esses aspectos, pode-se perceber que as famílias que representam a Comunidade Engenho Velho II, assim como a Associação dos Pequenos Produtores Rurais do Engenho Velho II, são compostas em sua maioria por mulheres, que assumem dentro da estrutura familiar a posição de esposa e filha e raramente de chefe familiar, que relativamente são mais jovens que os homens, mas que possuem o nível de instrução muito semelhante ao deles.

No que se refere aos homens, foi observado que compõem a minoria da população entrevistada, mas assumem a posição de chefe familiar na maioria das famílias, isso por dois motivos sugeridos, por possuírem idades mais avançadas e por ocuparem atividades que remuneram melhor. Além disso, foi possível verificar que a renda média das famílias pode ser considerada um grave problema, tendo em vista que a mesma encontra-se bem abaixo do salário mínimo vigente em 2014.

Realizada a caracterização familiar, a próxima seção, retratará os entraves sociais, econômicos e infraestruturais a partir das perspectivas dos associados, o que permitir construir um cenário mais realista das necessidades e, conseqüentemente, dos problemas que essas pessoas se deparam.

### **5.1.2 Entraves sociais, econômicos e infraestruturais.**

Os entraves sociais, econômicos e infraestruturais que os associados do Engenho Velho II deparam-se no dia a dia impendem o desenvolvimento humano dessas pessoas, uma vez observados os efeitos encadeados e negativos que esses problemas sociais, econômicos e infraestruturais provocam nos membros dessa Associação. Diante disso, o

intuito é analisar esses entraves dentro da perspectiva dos associados e posteriormente relacioná-los com a questão do capital social, mostrando como esses entraves podem prejudicar a formação de capital social e, assim, impedir o desenvolvimento socioeconômico dos associados e da comunidade de uma maneira geral.

Vale ressaltar que esta subseção torna-se ainda mais interessante por ter sido construída primeiramente a base da observação *in loco*, isto é, muitos dos problemas que serão descritos a seguir foram detectados apenas ao realizar visitas na comunidade. Dessa forma, muitas perguntas foram elaboradas levando em consideração o cenário atual que a comunidade está vivenciando. Além disso, somaram-se as observações os comentários realizados pelos associados ao responderem as perguntas, e como não seriam diferentes, as análises construídas a respeito dos entraves sociais, econômicos e infraestruturais tornaram-se bastante condizentes com a realidade.

### ***Entraves Sociais***

Os entraves sociais da Comunidade Engenho Velho II são compostos por basicamente duas questões fundamentais: saúde e educação. Tendo em vista que não há posto de saúde e escolas na comunidade, a ideia principal desta seção é compreender de que forma os associados do Engenho Velho II conseguiram a proeza de serem devidamente atendidos no caso de algum problema de saúde, assim como, conseguiram colocar seus filhos em escolas.

Primeiramente, surgiu interesse em saber se essas famílias entrevistadas tiveram algum problema de saúde recentemente, caso a maioria tivesse, a saúde poderia ser considerada um problema grave, tendo em vista que não há postos de saúde na comunidade para atender essas pessoas, além disso, o agente de saúde, caso presente, poderia ser considerado uma válvula de escape, caso não, o problema torna-se ainda mais grave.

Assim sendo, das sete famílias entrevistadas, cinco admitiram ter tido algum problema de saúde nos últimos seis meses, ou seja, em média 70% dos entrevistados. Logo, esse resultado é muito preocupante, principalmente por cerca de 80% da população entrevistada também afirmar que não possuem nenhum tipo de acompanhamento periódico por um agente de saúde.

Ressalta-se que para serem atendidos os moradores da Comunidade Engenho Velho II precisam se deslocar para os distritos da cidade de Paudalho que comportam tais serviços. Vale acrescentar que são relativamente longes, tendo em vista que as parcelas ficam em média 6,5 Km de distância da BR 408, e a maioria deles não possui meios de transporte.

Com relação à educação a situação é bem parecida tendo em vista que também não há escola na comunidade, no entanto, foi comentado por um entrevistado que há um terreno no assentamento que foi destinado exatamente para a construção de uma escola, mas como os recursos da Associação não são suficientes nem para construir a sede da mesma, e os órgãos institucionais também não se manifestam, o terreno está intacto até os dias atuais.

Vale ressaltar, no entanto, que existe uma escola relativamente próxima à comunidade, e uma condução escolar também passa pelas redondezas, o que torna a situação um pouco menos grave do que a situação da saúde.

### ***Entraves Econômicos***

Na seção do formulário que englobou a questão dos entraves econômicos buscou-se analisar as dificuldades encontradas pelos produtores familiares para realizarem a atividade produtiva. Ao mesmo tempo, em que foi possível identificar as prioridades que cada agricultor considerava como fundamental para aumentar a produtividade de sua parcela.

Desse modo, com relação à obtenção de sementes para o cultivo, assim como ração para a criação de animais, a maioria (57%) dos agricultores afirmou não ter problemas quando o assunto é sementes ou ração, frente a 43% dos entrevistados que afirmaram que por falta de recursos financeiros às vezes tem dificuldades sim em obter sementes e/ou rações. Vale acrescentar que um dos entrevistados que respondeu que tinha problemas em obter sementes e/ou rações, afirmou que esse problema é reduzido no meio do ano quando há a doação de sementes de milho e feijão por parte do Instituto Agrônômico de Pernambuco (IPA).

No que se refere ao acesso de água permanente para atividade produtiva, cerca de 70% concordaram que, a água, na Comunidade Engenho Velho II é permanente e apenas 30% dos entrevistados disseram que tinham dificuldade em obter água para produzir. No entanto, embora a maioria tenham afirmado que o acesso a água é

permanente, todos admitiram que o problema não é o acesso à água, mas sim, como bombeá-la para a produção agrícola nas parcelas.

Pensando nisso, perguntou-se aos agricultores familiares se os mesmos possuíam sistema de irrigação, e das sete famílias entrevistadas, seis não possuem, e apenas um possui e mesmo assim só em parte da produção.

Com relação ao que poderia ser feito para melhorar a produtividade dos agricultores familiares, de acordo com a tabela 4, tem-se que o sistema de irrigação, assim como incentivo financeiro, são as duas principais reivindicações feitas por parte dos agricultores.

**Tabela 4 – Alternativas para melhorar a produtividade agrícola na Comunidade Engenho Velho II.**

Alternativas	Quantidade de vezes que foram citadas pelo agricultor	(%)
Sistema de Irrigação	03	33
Incentivo Financeiro	03	33
Bomba Eficiente	01	11
Mais assistência técnica	01	11
Energia trifásica	01	11
Total	09	100

**Fonte:** Pesquisa de Campo, 2014.

Mas, como essa pergunta foi aberta, e permitiu que eles pudessem listar todas suas reivindicações, pode-se perceber que outras duas prioridades dos agricultores também estão ligadas ao sistema de irrigação, como a bomba e a energia trifásica, podendo então considerar ainda mais intensa a relevância que os agricultores do Engenho Velho II dão a esta alternativa.

### ***Entraves Infraestruturais***

Os entraves infraestruturais são tão importantes quanto os outros já mencionados anteriormente, tendo em vista que os gargalos da infraestrutura da Comunidade do Engenho Velho II são capazes de impactar de forma intensiva as questões relacionadas à saúde, educação e economia (produção).

Assim sendo, o intuito na construção das perguntas relacionadas a esses entraves eram de absorver dos agricultores familiares suas principais dificuldades com relação à infraestrutura e, sobretudo, relacioná-las com os entraves anteriores, mostrando como

uma infraestrutura defasada pode prejudicar ainda mais a vida social e econômica das famílias que vivem no meio rural.

Pensando nisso, iniciou-se a etapa do formulário voltada aos entraves infraestruturais tratando de uma questão importante, energia elétrica, e todos os entrevistados afirmaram deter energia elétrica em suas residências, o problema é que a rede é monofásica e não comporta um sistema de irrigação que proporcionaria um aumento de produtividade.

Outra questão que encadeia uma série de problemas, e que talvez seja um dos problemas mais mencionados pelos agricultores familiares com relação à infraestrutura é o estado em que se encontram os acessos para chegar às parcelas dos agricultores. Todos foram bastante enfáticos ao dizer que as estradas da comunidade estão em péssimo estado de conservação, e quando chove o problema ainda fica maior. Ressalta-se que essas estradas, segundo os agricultores, dificultam a comercialização dos produtos agrícolas, a locomoção, inclusive no caso de um problema de saúde sério e uma infinidade de situações que envolvem o uso das estradas.

No que diz respeito ao acesso de água para consumo todos os entrevistados disseram que possuem sim acesso à água e, além disso, consideram a qualidade da água muito boa. Vale acrescentar que a água para consumo é obtida a partir de cacimbas, e boa parte das parcelas detém esse recurso.

Por fim, perguntou-se aos entrevistados se eles poderiam ou queriam acrescentar mais algum problema infraestrutural ou de qualquer outro problema que os atingem e foi mencionado transporte para locomoção e logística dos ativos agrícolas, segurança, que é inexistente na comunidade, e, além disso, os agricultores enfatizaram a rede energética e o sistema de irrigação.

### **5.1.3 Capital Social**

Analisar capital social, como é bem sabido, é o principal objetivo deste trabalho. Assim como verificar em que medida a falta ou ausência de capital social podem intensificar os entraves discutidos nas subseções anteriores.

Apenas recapitulando o que já foi mostrado no aporte teórico deste trabalho, capital social aqui se refere à confiança e reciprocidade, canais de informação, normas e sanções sociais, redes e engajamento cívico e comunitário. E como não seria diferente,

foram exatamente estes tópicos levantados na pesquisa de campo os quais serão analisados a seguir.

### *Confiança e reciprocidade*

Os dois teóricos abordados neste trabalho debruçam-se sobre confiança e reciprocidade dentro de perspectivas diferentes, e com isso, resolveu-se tratar desse tema na pesquisa de campo através de três enfoques, o primeiro discute confiança de uma maneira geral a confiança nos parentes, vizinhos, membros da associação e ambiente em que vive etc.. O segundo enfoque trata do ponto de vista de Coleman, ou seja, preza a questão da reciprocidade, recompensas e obrigações. E o terceiro e último, explana esse assunto na visão de Putnam, e levanta a questão da cooperação vinculada à confiança, assim como a confiabilidade nas autoridades políticas.

No que se refere à confiança de uma maneira geral, os associados do Engenho Velho II se mostraram bastante confiantes, todos os entrevistados confiam em seus parentes, nos membros da associação e no ambiente em que vivem. Com relação aos seus vizinhos, 57% dos entrevistados confiam frente a 28% que não confiam e 15% que só confiam em alguns. E quanto a se sentir seguro na comunidade à noite, 57% da população entrevistada se sente segura, enquanto que 43% não se sente.

No que diz respeito à confiança e reciprocidade na visão de Coleman, verificou-se que quando um associado realiza um favor para um indivíduo, 85% não espera ser recompensado e apenas 15% espera. E quando ocorre o contrário, ou seja, quando uma pessoa faz um favor para o associado, 100% se sente na obrigação de retribuir tal favor.

Quanto ao levantamento realizado pretendendo abranger as perspectivas de Putnam, verificou-se que 70% da população entrevistada admitiu que as pessoas em que confiam geralmente cooperam no caso de necessidade (cuidar da produção, cuidar dos filhos, fazer um favor, situações nesse sentido, não envolvendo dinheiro, pois todos os assentados têm dificuldades nesse sentido), enquanto 15% disseram que só algumas e os outros 15% afirmaram que apenas as pessoas que fazem parte da família cooperam. No caso do associado cooperar com pessoas que eles confiam tem-se que todos afirmaram cooperar.

O ponto forte da investigação de confiança na visão de Putnam é com relação às autoridades políticas. Nas obras do autor, como foram devidamente discutidas no

capítulo 1, observou-se que o desempenho institucional, assim como a satisfação das pessoas no que tange o governo e questões voltadas à política sempre eram bastante debatidas. E, como não seria diferente, buscou-se também neste trabalho analisar a confiança dos associados nas autoridades políticas, principalmente no que diz respeito à Prefeitura do Município de Paudalho e à Secretaria Municipal de Desenvolvimento Rural e Meio Ambiente. Verificou-se que apenas 15% dos entrevistados confiam nas autoridades políticas, 15% confiam em parte e 70% não confiam.

No entanto, o que se pôde observar através dos comentários realizados pelos entrevistados é que muitos deles afirmaram que a Sederma é uma secretaria que detém poucos recursos e os responsáveis por sua direção são pessoas subordinadas a outros órgãos e, portanto, são limitados.

A partir desse levantamento de dados foi possível verificar que com relação a teoria de Coleman, parte foi comprovado, uma vez que todos se sentem na obrigação de retribuir um favor, e parte não foi, tendo em vista que a maioria não espera ser recompensado de uma favor prestado. Com relação a Putnam, observa-se que sua teoria foi observada na prática, pois em um ambiente que existe confiança, existe também a cooperação. No entanto, no que tange as autoridades políticas, a confiança não é significativa, o que para Putnam poderia ocasionar um desempenho institucional baixo nessa região.

### ***Canais de informação***

Canais de informação como discutido na parte teórica deste trabalho é um tema que se ateve a Coleman (1988), e, portanto, seguindo seus pressupostos com relação a esta variável discutiu-se sobre os principais meios de informação dos associados, assim como os mesmos interagem com as informações que recebem.

A partir da pesquisa de campo verificou-se que as reuniões são as principais ferramentas que proporcionam um maior número de informações entre os associados, tendo em vista que 70% dos entrevistados responderam que o principal meio de receber informações são as reuniões da associação que ocorrem na primeira terça-feira de cada mês do ano. Em seguida, vem o telefone, com 30% do total de entrevistados, as outras opções previstas no formulário como visitas, cartas etc. não foram apontadas pelos associados.

Com relação ao recebimento das informações por terceiros, ou seja, no caso do associado não ter ido à reunião e o que foi lá debatido tivesse recebido por outras pessoas que estavam presentes, 57% afirmaram receber tais informações de forma completa, enquanto que 43% incompletas. No entanto, ao indagar se os associados já se sentiram prejudicados por ter recebido uma informação incompleta ou incorreta, 57% afirmaram que já se sentiram prejudicados e apenas 43% disseram que nunca se sentiram prejudicados. Vale ressaltar, que informações completas representa aquelas informações que, da mesma forma que foi dito na reunião chegou para os associados que não estavam presentes, por exemplo, na reunião foi discutido sobre como obter o Pronaf, e todos os procedimentos foram explícitos, caso essa informação seja repassada, ela precisa chegar de forma correta, isto é, completa caso isso não aconteça pode-se dizer que esta informação foi repassada de forma incorreta ou incompleta.

No que diz respeito à dificuldade em obter informações, que neste caso está diretamente relacionado com a participação dos associados nas reuniões, tendo em vista que 70% da população entrevistada considera as reuniões a principal fonte de informações, verificou-se que 70% disseram não ter dificuldades para obter informações, e 30% afirmaram ter dificuldades. O principal motivo apontado foi o difícil acesso daí a importância de solucionar os entraves infraestruturais da comunidade, como as estradas, por exemplo. O interessante também é que exatamente esses 30% que afirmaram ter dificuldades são os associados que moram mais distantes de onde acontecem as reuniões. Inclusive enfatizaram a época de chuva que ficam impossibilitados de saírem de suas residências.

Unindo os canais de informação com cooperação, que são peças fundamentais na construção de capital social, tem-se que 100% dos entrevistados admitiram que se recebessem uma importante informação a repassaria para seus vizinhos e membros da Associação. 85% dos entrevistados também disseram que seus vizinhos fariam o mesmo.

E para finalizar esta etapa, foi perguntado aos associados se eles levam em consideração as informações que possuem para tomar alguma atitude, seja ela pessoal ou profissional, e todos afirmaram que levam em consideração as informações que possuem, principalmente no meio profissional, ou seja, na atividade produtiva.

Relacionando o que foi observado com a teoria de Coleman, é possível observar as informações são ferramentas fundamentais na construção de capital social para

Coleman e também na Comunidade Engenho Velho II, uma vez que a informação está vinculada à cooperação. Além disso, as informações também se mostram importantes no sentido de estruturar as ações dos indivíduos e isso mostra que a teoria de Coleman com relação aos canais de informação é comprovada na Associação.

### *Normas e sanções sociais*

As normas e sanções sociais são variáveis que, de acordo com a literatura já debatida anteriormente, inibi ações negativas e encoraja ações positivas na medida em que aplica punições e multas a quem age de maneira oposta ou irregular as normas expostas em determinados locais, assim como, também impulsionam, através de reconhecimentos as ações positivas. Dentro desse contexto, buscou-se verificar se os associados concordam que as sanções de alguma forma os intimidam a realizar alguma atitude contrária às normas impostas pela Comunidade e/ou órgãos superiores e, além disso, também se procurou analisar se os mesmos cumprem as normas da Associação Engenho Velho II, as quais são, participar regularmente das reuniões, atender as atividades de trabalho em conjunto, produzir agricultura, entre outras.

De acordo com os dados obtidos, identificou-se que boa parte dos associados entrevistados seguem regularmente as normas estabelecidas pela Associação. Das sete famílias entrevistadas, seis disseram que participam de todas as atividades realizadas pela Associação, assim como, estão sempre presentes nas reuniões. Apenas um entrevistado disse que não considera que cumpre todas as normas porque só comparece as reuniões quando é possível, e, mais uma vez a questão dos entraves infraestruturais aparece nas informações prestadas.

Com relação a principal norma da Associação que é produzir agricultura familiar, tem-se que 85% dos entrevistados afirmaram que desde quando a terra lhes foi concedida sempre produziu agricultura e apenas 15% afirmou não ter produzido por algum momento. Contudo, isso foi uma fase momentânea e atualmente produz regularmente. No entanto, 70% dos associados confirmaram conhecer pessoas da comunidade que não produzem e ainda assumiu que isso é normal para uma boa parte dos assentados.

Por fim, quanto à questão das sanções inibirem as ações negativas dentro da comunidade, 70% das famílias entrevistadas afirmaram que não existe nenhum tipo de

fiscalização para aquelas pessoas que não produzem na terra, e, portanto, as supostas sanções, que seria a perda da parcela, não são levadas em consideração.

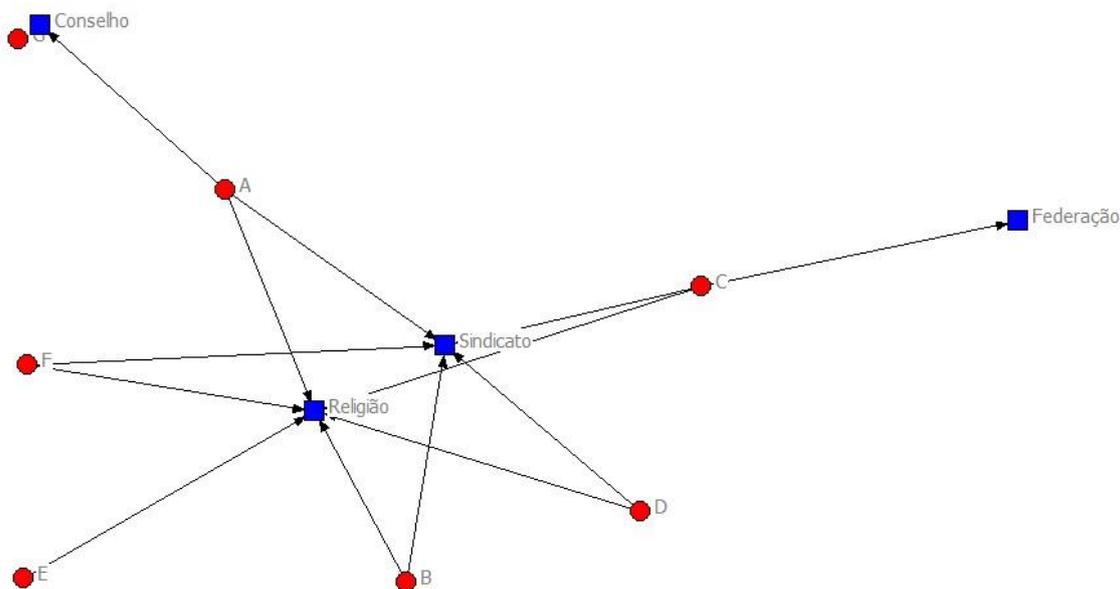
Então, com relação a esta variável, normas e sanções sociais, que é importante instrumento de construção de capital social para Coleman e Putnam, se percebe que na prática não funciona na Associação pesquisada. As sanções não são impostas e, além disso, só os associados entrevistados se preocupam em participar das reuniões, os outros, 12 famílias que não foram entrevistadas, não comparecem, não participam e não interagem com a Associação. Boa parte desses trabalham fora, outros sequer moram na Comunidade, muitos venderam suas parcelas e não estão preocupados com nenhum tipo de punição, uma vez que a fiscalização não acontece.

### ***Redes***

As redes sociais, de acordo com a literatura proposta, são importantes ferramentas de disseminação das outras formas de capital social descritas anteriormente, confiança, canais de informação e normas e sanções sociais, daí a importância de estudar essa variável. Desse modo, primeiramente buscou-se analisar as redes sociais dos associados com relação à participação deles em outros grupos sociais dentro ou fora da Comunidade (redes externas), assim como, as relações entre os associados (redes internas). Em seguida, a proposta é analisar se essas redes (externas e internas) auxiliam ou não a formação das outras formas de capital social.

Assim sendo, de acordo com a Figura 2, a qual representa o sociograma que expressa às redes sociais externas dos membros da Associação Engenho Velho II, pode-se perceber que existe uma ligação muito forte dos associados a grupos religiosos e ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais, enquanto que a Federação dos Trabalhadores e o Conselho de Desenvolvimento Sustentável são os dois grupos que não se mostram muito fortes com relação à integração dos entrevistados a eles. Ressalta-se que com relação ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais todos os assentados são estimulados pelo presidente da Associação a participarem, sendo esta ação importante no sentido da garantia dos direitos atrelados à atividade rural ao trabalhador agrícola.

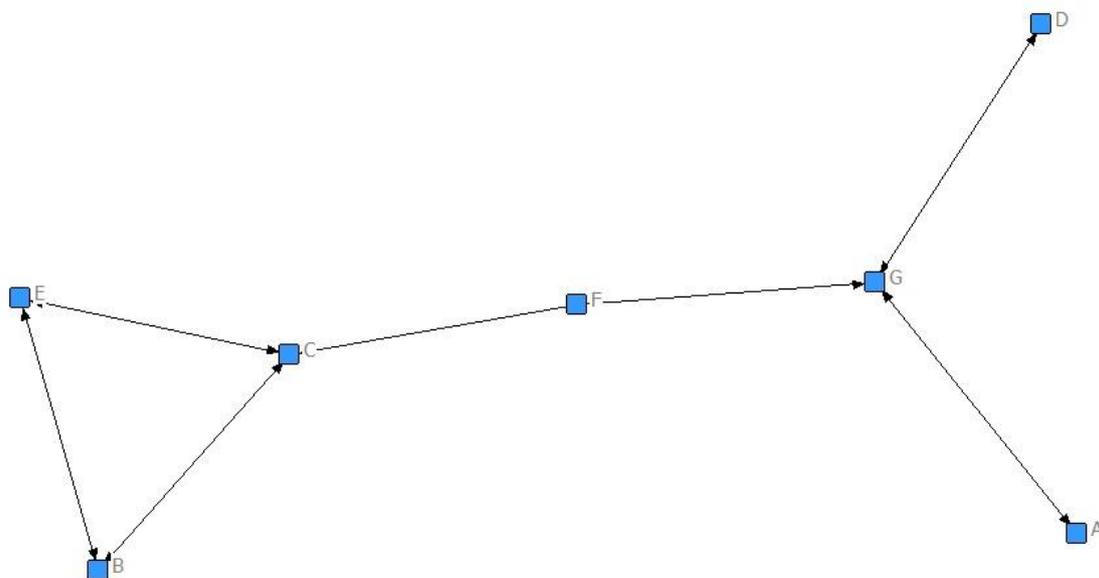
**Figura 2 – Sociograma das redes sociais externas dos membros da Associação Engenho Velho II.**



**Fonte:** Ucinet, 2014

No que diz respeito às redes internas, tem-se que a partir da Figura 03, a qual representa o sociograma descrevendo a relação entre os associados, é perceptível que existe uma rede fechada entre os associados B, C e E. Isto é, segundo Coleman (1988) quando há uma rede fechada as normas e sanções tornam-se mais fáceis de serem aplicadas, porém, os associados A, D, F e G não possuem esse fechamento, e, portanto, a interação com relação as outras formas de capital social, a exemplo, confiança, informação e normas e sanções sociais, ficam prejudicadas, na medida que as sanções só podem ser aplicadas entre B, C e E, assim como estes terão mais facilidades de obter as informações repassadas por estes membros e podem estreitar melhor as relações sociais, implicando numa maior proximidade e confiança entre eles.

**Figura 3 – Sociograma das relações internas dos membros da Associação Engenho Velho II.**



**Fonte:** Ucinet, 2014.

Assim sendo, as configurações obtidas a partir dos sociogramas indicam que no que tange às relações externas o Sindicato e os Grupos religiosos são os grupos que comportam uma quantidade maior de membros da Associação em questão, e, quanto às relações internas, existe um fechamento entre três associados. Aspecto relevante, tendo em vista a disseminação das normas e sanções sociais, bem como, a obtenção de informação e estreitamento das relações de confiança.

Tendo feito essa análise, pode-se então seguir adiante mostrando agora a relação entre as redes sociais (internas e externas) existentes na comunidade e as outras formas de capital social. Sendo assim, buscou-se a priori verificar se cada associado do Engenho Velho II tinha contato com outros membros desta mesma associação nos outros grupos em que também faz parte, e com exceção de um entrevistado que não faz parte de nenhum grupo, cinco deles responderam ter sim contato com os membros da associação nos outros grupos que participam, e apenas um afirmou não ter contato.

Logo, desses cinco que mantêm contato, todos afirmaram que esse elo dentro e fora da associação facilita os canais de informação, fortalece as relações de confiança e ainda conseguem manter sempre bem estabelecidas as normas e as sanções as quais estão sujeitos. No tocante às relações internas, este trabalho se propôs identificar se as relações de amizade entre os associados facilitava os canais de informação, confiança e imposição de normas e sanções, e verificou-se que todos os associados confirmaram que

o convívio com seus vizinhos mais próximos e amigos da Comunidade facilita a construção das formas de capital social mencionadas acima.

Com relação às redes sociais, as abordagens de Putnam (1993) e Coleman (1988) são bem semelhantes, e ambos expressam a importância desta variável como facilitadora da construção das outras formas de capital social (confiança, informação, etc.). No entanto, o que se observa é que há um fechamento de rede entre apenas três membros da Associação, isto é, a minoria dos associados, e, apesar de todos confirmarem que as relações sociais entre os associados facilitam a obtenção de informação, confiança e normas e sanções sociais, o que se percebe é a falta do principal, que é a relação social entre eles. Dessa forma, pode-se chegar à conclusão de que, tendo em vista a fragilidade das relações sociais existentes na Comunidade, a construção de capital social é deveras impactada, negativamente.

### ***Engajamento cívico e comunitário***

Para finalizar a etapa que se destinou apenas a tratar de capital social, e que foram devidamente divididas em cinco partes se baseando nas principais variáveis as quais Coleman (1988) e Putnam (1993) consideravam importantes elementos constituintes de capital social, a variável que expressa o engajamento cívico e comunitário é a última a ser discutida, e como é bem sabido, é uma variável a qual Putnam dedicou muitos esforços para explicá-la e analisá-la. Dessa forma, como não seria diferente, este trabalho também dedicou uma parte de seus esforços para analisar engajamento cívico e comunitário na Comunidade Engenho Velho II. Nesse sentido, a análise parte do interesse em conhecer como se dá o engajamento dos membros da Associação com os assuntos relacionados a este grupo; em seguida, as atividades promovidas pela Prefeitura do Município de Paudalho e, por fim, o engajamento cívico com as questões voltadas às eleições.

Observou-se que das sete famílias entrevistadas, 42% afirmaram participar das reuniões mensalmente, 16% disseram participar de 9 a 11 vezes por ano e o restante em média de 5 a 8 vezes por ano. Com relação aos eventos promovidos pela Prefeitura de Paudalho, mais da metade, isto é, 57% disseram que não participam, 28% sempre participam e 15% na maioria das vezes participam.

Quanto às atividades relacionadas à Associação, assunto que ainda está atrelado ao engajamento comunitário, tem-se que 72% dos entrevistados afirmaram já ter

recebido convites da associação para participar de atividades em conjunto com outros associados. Desses 72%, 57% aceitaram. No entanto, apenas 15% disseram ter resolvido com sucesso a atividade a qual foi chamado a participar. Ressalta-se que as atividades que não tiveram êxito foram, o projeto de horticultura e a compra de tratores. Este último, de acordo com os associados, foi uma questão que inclusive se resolveu, porém os tratores ficaram em outra comunidade vizinha. Para os moradores do Engenho Velho II utilizar esses tratores têm que pagar uma taxa que é praticamente igual à taxa que eles pagam normalmente em lugares especializados a prestar este serviço. É nesse sentido, que consideram que este projeto não teve êxito.

Tratando um pouco sobre a questão do engajamento cívico, apenas dois assuntos foram levantados, o primeiro referiu-se à prática de votar regularmente, e todos os entrevistados afirmaram votar pontualmente; e a segunda, dizia respeito às últimas eleições, se eles tinham votado, e mais uma vez todos eles foram bastante enfáticos ao afirmarem positivamente. Com relação a esta questão, vale comentar, que foi possível observar que os associados dessa comunidade em questão são bastante ligados à política, votam conscientemente e argumentam de forma intensa sobre as questões políticas, porém como não era exatamente o foco deste trabalho analisar profundamente o engajamento cívico dos participantes do Engenho Velho II, preferiu-se restringir esta parte apenas nessas questões.

Então, a partir dos dados levantados, e fazendo uma ligação com a teoria de Putnam (1993) é perceptível que os associados estão integrados nas reuniões que acontecem, participam das atividades coletivas e também são engajados civicamente. O problema observado na Comunidade diz respeito à falta de resultado das atividades coletivas, as quais são de extrema importância. Quando um indivíduo resolve juntar-se à um grupo a finalidade é angariar benefícios dessa integração, e, justo as atividades que envolvem um número maior de associados não trazem os resultados positivos, isto é, são concluídas. Dessa forma, apesar de serem engajados os resultados não são bons, o que então, não comprova a teoria de Putnam (1993).

## 5.2 ASSOCIAÇÃO DOS PEQUENOS PRODUTORES RURAIS DO ENGENHO DO SÍTIO I.

### 5.2.1 Caracterização das Famílias

Diante da pesquisa de campo realizada, a qual foi possível entrevistar 20 associados, verificou-se um total de 74 membros, o que corresponde a uma média de 3,7 pessoas por domicílio. Desse total, foi observado que grande parte da população pertence ao sexo feminino, isto é, 58%, enquanto que apenas 42% representa o sexo masculino.

No que se refere à idade da população entrevistada, como observado na tabela 5, verifica-se que quanto ao sexo masculino, existe certa concentração da população nas faixas etárias que correspondem aos intervalos de 15 – 29, 30 – 44 e 45 – 59, sendo essas três faixas equivalente a cerca de 70% da população masculina entrevistada da comunidade, além disso, uma quantidade pequena de pessoas encontra-se entre 0 – 14 anos e uma quantidade razoável de 60 anos ou mais.

Com relação ao sexo feminino, as faixas de 15 – 29 e 30 – 44 somam mais da metade da população feminina entrevistada, além disso, cerca de 20% encontram-se entre 0 – 14 anos, o que significa uma quantidade relativamente alta de crianças e adolescentes, e, as faixas de 45 -50 e de 60 anos ou mais, somadas equivalem a 25,6% da população, o que também representa um percentual significativo de pessoas adultas.

**Tabela 5 – Faixa etária por sexo das famílias do Engenho do Sítio I.**

Faixa Etária	Masculino	(%)	Feminino	(%)
0 – 14	04	12,9	08	18,6
15 – 29	07	22,6	10	23,3
30 – 44	07	22,6	14	32,6
45 – 59	07	22,6	04	9,3
60 ou +	06	19,4	07	16,3
Total	31	100,0	43	100,0

**Fonte:** Pesquisa de Campo, 2014.

No que tange a posição familiar, verificou-se que dos 20 chefes de família identificados, 15 pertencem ao sexo masculino, isto é, ainda é possível enxergar certo tradicionalismo, tendo em vista que em grande parte das famílias são os homens que representam o pilar familiar. Quanto à posição de esposa ou esposo, verificou-se que 15 pessoas fazem parte dessa categoria, sendo 13 pertencentes ao sexo feminino e apenas

02 ao sexo masculino. No que se refere à posição familiar de filho(a), 29 indivíduos integram esse grupo, 22 pertencem ao sexo feminino e apenas 07 ao masculino. Ainda foi possível detectar 09 netos e 01 genro, somando assim 74 membros de 20 famílias entrevistadas e devidamente representadas por sua posição familiar.

Passando adiante com as análises referentes à caracterização familiar, a atividade econômica ou ocupação que os indivíduos da comunidade Engenho do Sítio I exercem é uma variável de grande importância dentro do contexto social e econômico. Não obstante, a partir da tabela 6, verificou-se que os homens, em sua maioria, exercem atividades relacionadas à agricultura familiar (25,8%), seguidos daqueles que se ocupam apenas com os estudos (22,6%) e aqueles que se dedicam à agricultura e que também já são aposentados (19,4%). Ainda vale acrescentar, que uma minoria ainda exerce atividades relacionadas com o comércio e indústria.

**Tabela 6 – Atividade Econômica e/ou ocupação por sexo das famílias do Engenho do Sítio I.**

Atividade Econômica e/ou ocupação	Masculino	(%)	Feminino	(%)
Agricultura	08	25,8	15	34,9
Agropecuária	01	3,2	01	2,3
Comércio	02	6,5	02	4,7
Indústria	03	9,7	00	0,0
Serviço	00	0,0	06	14,0
Agricultura e Aposentadoria	06	19,4	09	20,9
Agricultura e Comércio	02	6,5	00	0,0
Agricultura e Indústria	02	6,5	00	0,0
Estudante	07	22,6	08	18,6
Nenhuma	00	0,0	02	4,7
Total	31	100,0	43	100,0

**Fonte:** Pesquisa de Campo, 2014.

Com relação às mulheres, grande parte delas atua na agricultura familiar (34,9%), uma parte considerável trabalha na agricultura, mas já se aposentaram (20,9%), muitas são apenas estudantes (18,6%) e seis mulheres de famílias entrevistadas que representam 14% da população do sexo feminino trabalham no setor de serviços. Ainda existe uma minoria que trabalha na agropecuária e no comércio. Além de crianças que não exercem nenhuma atividade ou ocupação porque ainda não estão na idade de ir à escola e tampouco trabalhar.

No que diz respeito ao nível de instrução da população entrevistada na Comunidade Engenho do Sítio I, de acordo com a tabela 7, é perceptível que boa parte dos homens concentra-se na categoria que se estende da primeira a quarta série do ensino fundamental (35,5%), parte considerável é analfabeta e assina o nome (25,8%) e outra parte significativa ocupa o nível de instrução do primeiro ao terceiro ano do ensino médio. Situação parecida acontece com a população feminina do Engenho do Sítio I, pois boa parte da população encontra-se do primeiro ao terceiro ano do ensino médio (34,9%), assim como um percentual razoável está entre a primeira série do ensino fundamental e a quarta série. Ainda vale destacar um cenário que 14% da população feminina, que equivale a seis mulheres são analfabetas.

**Tabela 7 – Nível de Instrução por sexo da Comunidade Engenho do Sítio I.**

Nível de Instrução	Masculino	(%)	Feminino	(%)
Analfabeto	01	3,2	06	14,0
Analfabeto e assina o nome	08	25,8	03	7,0
Alfabetizado	00	0,0	01	2,3
1F a 4F	11	35,5	11	25,6
5F a 8F	04	12,9	05	11,6
1M a 3M	07	22,6	15	34,9
Curso técnico	00	0,0	00	0,0
Superior incompleto	00	0,0	00	0,0
Superior completo	00	0,0	00	0,0
Ainda não frequenta a escola	00	0,0	02	4,7
Total	31	100,0	43	100,0

**Fonte:** Pesquisa de Campo, 2014.

Com relação ao rendimento médio mensal das famílias, seguindo o mesmo procedimento realizado na Comunidade Engenho Velho II, tem-se que as famílias da Comunidade Engenho do Sítio I possui rendimento médio mensal equivalente a R\$ 488,00 (quatrocentos e oitenta e oito reais), também inferior ao salário mínimo vigente de 2014, o que também pode-se admitir que o rendimento médio mensal dessas famílias não são suficientes para suprir as necessidade básicas, as quais deveriam ser garantidas por lei.

Assim sendo, pode-se resumir a caracterização familiar da Comunidade Engenho do Sítio I afirmando que a maioria da população é composta por mulheres, mas são os homens que assumem na maioria das famílias a posição de chefe familiar. Além disso, tanto os homens como as mulheres em sua maioria trabalham na agricultura

familiar. No entanto com relação ao nível de instrução as mulheres se destacam por possuir mais de 35% de sua população no ensino médio, enquanto que grande parte da população masculina encontra-se no ensino fundamental I. E, por fim, o rendimento médio mensal da população entrevistada é muito baixo e distante do salário mínimo, o que reforça a ideia de uma vida econômica difícil.

### **5.2.2 Entraves Sociais, Econômicos e Infraestruturais.**

#### ***Entraves Sociais***

Antes de iniciar as discussões à respeito dos entraves sociais, vale enfatizar que a Comunidade Engenho do Sítio I ocupa uma área bastante extensa, como foi possível observar no capítulo 3 (Caracterização da Área de Estudo), e por isso, em muitos casos a realidade de algumas famílias não condizem com a de outras da mesma Comunidade. Isto se deve principalmente à localização de algumas parcelas do Engenho do Sítio I, que se encontram mais próximas de comunidades maiores (não são assentamentos), que contam com mais recursos e conseqüentemente, mais serviços prestados a sua população. Dessa forma, as famílias que ficam mais próximas, por exemplo, da Vila Chã Alegre, tem acesso mais rápido a posto de saúde, escola e comércio, ao contrário daquelas que se encontram mais distanciadas e próximas a outras vilas que também não oferecem tais serviços.

Dessa forma, iniciando as discussões dos entraves sociais e começando por um assunto bastante importante dentro desse contexto que é a saúde, tem-se que nos últimos seis meses 65% da população entrevistada afirmaram não ter tido nenhum problema de saúde frente a 35% que tiveram. Ainda mais, 80% dos entrevistados afirmaram não ter nenhum acompanhamento periódico por algum agente comunitário de saúde, apenas 15% disseram que o agente é presente na Comunidade e 5% disseram que não é certa sua presença, mas de vez em quando o agente passa em sua parcela.

Com relação a postos de saúde na comunidade todos afirmaram que não há. Aspecto que leva a população, em 95% dos casos, utilizarem os serviços de saúde em postos próximos a sua comunidade e 5% das famílias entrevistadas, justamente aquelas que não residem próximo a comunidades que oferecem esses serviços, afirmaram que os

postos encontram-se muito distantes de suas parcelas e, portanto, problemas de saúde são considerados como uma grave questão a ser enfrentada.

Quanto ao médico ser presente nos postos de saúde, 75% da população entrevistada afirmou que sempre que esteve nos postos havia médicos, enquanto que 15% disse que não havia médicos em suas visitas ao posto de saúde, 5% ainda disse que houve vezes de ir ao posto de saúde e ter médicos e vezes que não e 5% não soube responder.

Vale ressaltar que 100% da população afirmou que no caso de um problema mais grave de saúde não há hospital próximo a sua comunidade, inclusive até o hospital pertencente ao município de Paudalho encontra-se em péssimo estado de conservação e quando necessitam de procedimentos mais complexos precisam se deslocar para o município de São Lourenço da Mata.

No tocante à questão educacional, 100% da população afirmou que não existem escolas no Engenho do Sítio I, no entanto, 95% da população afirmou que existe uma escola relativamente próxima e 5% disse que não há, mais uma vez a questão da localização se faz importante, pois a população que afirmou não ter escola é exatamente aquela tomada por famílias que moram mais distantes de vilas que oferecem o serviço escolar, e, por isso, essa parte da população se sente prejudicada.

Ainda dentro desse contexto tem-se que 90 % da população entrevistada revelou que vizinhos ou parentes já estudaram nessas escolas, e desse total 77,77% admitiu que o ensino pode ser considerado bom, 11,11% disse ser regular e 11,11% não souberam responder.

Dessa forma, tem-se que boa parte da população é beneficiada pelos serviços de saúde e educação que são prestados pelos serviços existentes em comunidades vizinhas e uma minoria é extremamente prejudicada por não conseguir absorver tais serviços. Ressalta-se, ainda, que a comunidade em si não oferece nenhum serviço direcionado à saúde ou educação, e como é bem sabido, uma população desprovida de tais serviços dificilmente se desenvolverá, logo, os entraves sociais podem ser considerados gargalos preocupantes.

### *Entraves Econômicos*

Assim como os entraves sociais são prejudiciais a qualidade de vida da população e o desenvolvimento da Comunidade Engenho do Sítio I, os entraves econômicos também conseguem impactar de forma abrupta tais famílias, principalmente por possuírem como atividade principal a agricultura familiar, uma atividade que requer recursos específicos, tais como irrigação, bomba de água, energia que suporte um sistema de irrigação entre muitos outros recursos, além do suporte financeiro e assistência técnica para que a produção seja viável.

Não obstante, tem-se que 85% dos entrevistados alegaram que boa parte de sua produção é vendida, isto é, reforça-se a ideia de que a produção agrícola é importante para essas famílias. Apenas 15%, afirmou que sua produção é de subsistência, que já venderam, mas atualmente só produzem para consumo próprio.

No que diz respeito à obtenção de sementes e rações para o cultivo ativos agrícolas e criação de animais, 80% da população entrevistada não tem dificuldade em obter esse material frente a 20% que afirmou possuir algum tipo de problema para adquiri-las, desse total que afirmou ter dificuldade 50% disse que era por falta de recursos financeiros e os outros 50% não especificaram.

Com relação ao acesso à água para produzir, tendo em vista que a água é fundamental para a atividade agrícola, tem-se que 60% da população afirmou ter acesso a água, enquanto que 40% disse não ter. Com relação a esta variável, ficou perceptível que o problema não é exatamente a água, e sim, como bombeá-la para que a mesma atenda as necessidades de produção, isto pode ser relacionado com a questão do sistema de irrigação, que no caso, seria a solução para esse problema, e que somente 10% da população detêm frente a 90% que não possui e que se senti extremamente prejudicada.

Em seguida, perguntaram-se às famílias o que poderia ser feito para que sua produção aumentasse, sendo esta uma pergunta aberta, deixou-se então o entrevistado responder o que quisesse, assim como abordar vários tópicos, dessa forma, a partir da Tabela 8, é possível verificar os temas aos quais as famílias citaram.

**Tabela 8 – Alternativa para melhorar a produtividade agrícola na Comunidade Engenho do Sítio I.**

Alternativas	Quantidade de vezes que foram citadas pelo agricultor	(%)
Sistema de Irrigação	15	56
Energia trifásica	08	30
Incentivo Financeiro	02	07
Mais sementes	01	04
Água	01	04
Total	27	100

**Fonte:** Pesquisa de Campo, 2014.

Nota-se que possuir um sistema de irrigação foi a alternativa mais citada pelos entrevistados e, em seguida, a rede de energia trifásica, que está diretamente relacionada à questão da irrigação, tendo em vista que caso não tenha uma energia que suporte as bombas de água obrigatoriamente não se poderia deter um sistema de irrigação. Além desses aspectos, incentivo financeiro e maior detenção de sementes e água foram os outros aspectos citados pelas famílias, só que em menor quantidade.

Através dessas discussões percebe-se que a agricultura familiar é uma atividade essencial para muitas famílias da Comunidade Engenho do Sítio I, seja para consumo, seja para adquirir algum recurso financeiro, e, tendo em vista as dificuldades na hora de produzir, subentende-se que os entraves econômicos são bastante impactantes na vida dessas famílias. E, dessa forma, fica explícito que esses entraves merecem uma atenção especial, principalmente por que tratam da sobrevivência de muitos que ali residem.

### ***Entraves Infraestruturais***

Os entraves infraestruturais, os quais alguns, inclusive, já foram citados ao longo dessa subseção, impactam de forma substancial a vida dos moradores. Um dos mais importantes faz referência à rede de energia que a Comunidade Engenho do Sítio I comporta, pois, apesar de todos possuírem energia elétrica, a rede é monofásica e não suporta um sistema de irrigação mais complexo com bombas de água mais eficientes. Assim, caso os agricultores resolvessem colocar esses tipos de bombas em suas parcelas teriam que desligar todos os eletrodomésticos de sua residência, caso contrário, todos os equipamentos correriam o risco de serem danificados, causando assim um grande prejuízo ao agricultor. Dessa forma, é possível perceber como apenas um entrave infraestrutural consegue desestruturar uma família, pois sem uma rede trifásica, os

agricultores não podem implantar um sistema de irrigação, que por sua vez os prejudica financeiramente.

No que diz respeito a forma de abastecimento de água na Comunidade Engenho do Sítio I, todos os agricultores possuem acesso à cacimbas, seja em sua residência ou nas casas de seus vizinhos, mas 95% afirmaram possuir cacimbas frente a 5% que adquirem de seus vizinhos, além disso, 100% confirmaram que a qualidade da água é boa para o consumo, logo, pode-se concluir que o abastecimento de água e o acesso da mesma para o consumo não pode ser considerado um problema, tendo em vista que de uma forma ou de outra todos tem acesso a água de boa qualidade.

No entanto, o mesmo não pode ser dito das estradas que dão acesso a Comunidade, muito pelo contrário, as estradas para boa parte dos associados entrevistados são consideradas um problema grave. Apenas observando tem-se que, em alguns trechos as estradas encontram-se cheias de buracos e enlameadas, sem nenhum tipo de manutenção, em outros trechos já é possível perceber algumas melhoras e no caminho principal, o qual o ônibus escolar passa, tem-se que a mesma se apresenta em bom estado. Assim sendo, tem-se que apenas 10% da população entrevistada considera o estado das estradas bom, 40% regular e 50% ruim. Vale acrescentar que muitos reclamam que no inverno a tendência é realmente piorar e, além disso, afirmam que se sentem prejudicados por muitas vezes não conseguirem escoar a produção até as feiras, que não conseguem se locomover para realizar atividades que pudessem aumentar sua produtividade e outros empecilhos criados pela falta de manutenção nas estradas.

Finalizando esta subseção, foi perguntado aos associados do Engenho do Sítio I se eles teriam mais algum problema para acrescentar que não tivesse sido debatido ao longo do questionário ou se eles gostariam de enfatizar algum que foi discutido. Assim sendo, de acordo com a tabela 9, verificou-se que o estado das estradas é o que mais preocupa e conseqüentemente prejudica os agricultores, em seguida, os transportes para locomoção, os quais inexistem na comunidade, isto é, para fazer qualquer tipo de deslocamento os agricultores precisam pagar pelos serviços de moto táxi, que por sua vez são relativamente caros em comparação ao transporte público, tendo em vista que chegam a pagar R\$ 40,00 por ida e vinda de cada viagem.

**Tabela 9 – Problemas Infraestruturais citados pelos Membros da Associação Engenho do Sítio I.**

Problemas Infraestruturais Enfatizados pelos Associados.	Quantidade de Vezes que foram Citados	(%)
Energia Trifásica	01	7,1
Estradas	06	42,9
Transporte para escoamento da produção	01	7,1
Transporte para Locomoção	04	28,6
Tratores para Construção de Reservatórios de água	01	7,1
Segurança	01	7,1
<b>Total</b>	<b>14</b>	<b>100,0</b>

**Fonte:** Pesquisa de Campo, 2014.

Além desses, ainda foram citados os problemas decorrentes da rede de energia, transporte para escoamento da produção, tratores para construção de reservatórios de água, principalmente açudes para aqueles terrenos que tivessem condições para tal, e, segurança.

A partir desse debate é possível perceber que os entraves econômicos se entrelaçam aos entraves infraestruturais e conseqüentemente, não havendo melhorias nos dois aspectos concomitantemente é esperado que não haja avanços significativos no desenvolvimento da Comunidade Engenho do Sítio I.

### **5.2.3 Capital Social**

Tendo discutido sobre a caracterização familiar e os entraves sociais, econômicos e infraestruturais, resta apenas tratar do tema de maior importância deste trabalho de dissertação, capital social. Assim sendo, conforme a literatura se debaterá capital social através dos seguintes aspectos: confiança e reciprocidade, canais de informação, normas e sanções sociais, redes e engajamento cívico e comunitário.

#### ***Confiança e Reciprocidade***

Na tentativa de analisar da melhor forma possível os aspectos relacionados à confiança e reciprocidade, preferiu-se tratar dessas variáveis a partir de três etapas, as quais são: confiança de uma maneira geral (parentes, vizinhos, ambiente, etc.),

confiança e reciprocidade sob a perspectiva de Coleman (1988), através de recompensas e obrigações, e à luz da visão de Putnam (1993), cooperação e política.

Assim sendo, analisando a primeira etapa, tem-se que os membros da associação Engenho do Sítio I se mostraram bastante confiantes, ou seja, 100% confiam em seus parentes, 80% confiam em seus vizinhos, nos membros da associação e no ambiente em que vivem e 70% se sentem seguros à noite.

Com relação à abordagem de Coleman, foi possível perceber que 50% da população entrevistada faz um favor e espera ser recompensado por isso, enquanto que 40% não e 10% afirma que tudo depende do contexto, ou seja, depende do favor. No caso de se sentir na obrigação de retribuir um favor prestado tem-se que 90% dos entrevistados se sentem na obrigação de retribuir frente a 10% que não.

Na visão Putnamiana, tem-se que 95% dos associados entrevistados afirmaram que acreditam que as pessoas em que confiam estarão sempre apostos para lhe ajudar em caso de alguma necessidade e apenas 5% não acreditam nessa afirmação, e quanto cooperar com pessoas em que confiam, 95% também afirmou que cooperaria e somente 5% dos entrevistados disseram que não. Com relação à confiança nas autoridades políticas, assunto de fundamental importância dentro da literatura estudada, verificou-se que 75% não confiam nas autoridades políticas, 20% dos entrevistados confiam e 5% afirmou que confia na SEDERMA, mas não confia na Prefeitura do Município de Paudalho.

A partir de tais resultados já se percebe que a população entrevistada com relação à confiança de uma maneira geral se mostrou bastante positiva, no que diz respeito à visão Colemaniana se apresentaram de acordo com a perspectiva do autor, isto é, os entrevistados esperam por recompensas e sentem-se na obrigação de retribuir favores e no tocante a abordagem Putnamiana, verificou-se que a confiança nas autoridades políticas realmente é muito baixa, o que muitas vezes faz com que os associados se sintam cansados de solicitar melhorias e benfeitorias na comunidade e, isso, por sua vez acaba impedindo o desenvolvimento.

### ***Canais de Informação***

Com relação aos canais de informação, variável bastante discutida dentro da abordagem dada ao capital social a partir da literatura de Coleman, tem-se que, de

acordo com a tabela 10, 50% da população entrevistada da Comunidade Engenho do Sítio I considerou que a principal fonte de informação são as reuniões realizadas na sede da Associação, em seguida 15% afirmaram que a comunicação via telefone e visitas são comumente também utilizadas.

**Tabela 10 – Meios de Comunicação da Comunidade Engenho do Sítio I.**

Meios de Comunicação	Número de Entrevistados	(%)
Reuniões	10	50
Telefone e Visitas	03	15
Reuniões e Telefones	02	10
Telefones	02	10
Visitas	02	10
Telefone Rural	01	05
Total	20	100

**Fonte:** Pesquisa de Campo, 2014.

É possível perceber que as reuniões, do ponto de vista dos associados é o principal meio de obter informação, uma vez que somando as porcentagem das opções que aparece a alternativa reuniões fica nítido que 60% da população faz uso desse recurso para obter informações referentes à comunidade, à obtenção de crédito, à o alcance de sementes, eventos, pagamentos de dívidas, assistência técnica, e muito mais.

Tendo em vista, que por muitos motivos o associado não pode ir pessoalmente às reuniões, as quais simbolizam o principal meio de informação, e, por isso, não consegue ter acesso a determinadas informações e a recebe por um vizinho, amigo ou parente, tem-se que 50% da população afirmou que quando isso ocorre a informação chega completa e correta, 40% disse que não, e 10% às vezes, da mesma forma, 50% afirmou já ter se sentido prejudicado por ter recebido informações incorretas ou incompletas frente a 50% que não.

No quesito que aborda se o associado possui algum tipo de dificuldade em obter informações, seja por qualquer motivo, tem-se que 35% afirmou ter algum tipo de dificuldade, 60% não, e, 5% às vezes. Dos 35% que sentem dificuldade, a maioria (42,85%) é por falta de tempo, e, além dessa, outras alternativas foram citadas assim, difícil acesso (14,3%), falta de dinheiro (14,3%), falta de transporte (14,3%), saúde frágil (14,3%) e outros não especificados (14,3%).

Ainda dentro desse contexto, no que se refere ao repasse de informações importantes, observou-se que 90% dos entrevistados disseram que se tivessem acesso a algo desse tipo com certeza repassariam para seus vizinhos, e, 10% disseram que algumas, ou seja, depende da informação e da situação. Analisando o contrário, isto é, o repasse de informação importante por parte de seus vizinhos, cujo intuito é observar o que os entrevistados pensam a respeito de seus conhecidos, tem-se que, eles acreditam que 25% repassariam algumas informações, 15% não repassariam, e, 60% repassaria com certeza.

Para finalizar, no que tange a consideração de determinadas informações para em seguida tomar certas atitudes, verificou-se que apenas 15% não se preocupam em buscar informações para em seguida agir, mas a maioria, 85% dos entrevistados, afirmou ser muito importante obter informações antes de tomar qualquer atitude, seja na vida pessoal, seja na atividade produtiva que exerce.

Dessa forma, tem-se que as reuniões realizadas pela Associação são os principais meios de obter informações, e que apesar das dificuldades, a informação sempre chega aos agricultores familiares, embora, metade dos entrevistados já tenha se sentido prejudicado por obter informações erradas ou incompletas recebidas por segundos. Vale ressaltar que muitos problemas derivados, em grande parte, pelos entraves econômicos ou infraestruturais acabam dificultando o acesso à informação, que além de ser uma importante fonte de capital social pode gerar uma série de benefícios à comunidade.

### *Normas e Sanções Sociais*

No que diz respeito às normas e sanções sociais, variáveis de relevância no âmbito comunitário, tendo em vista sua importância para o bom funcionamento social e principalmente produtivo da Associação Engenho do Sítio I, tem-se que 70% dos entrevistados afirmaram cumprir todas as normas da associação, as quais são fundamentalmente produzir agricultura familiar, participar das reuniões e integrar-se nas atividades em conjunto que a mesma proporciona, 25% disse que não cumpri e 5% afirmou que cumpri algumas, porque nem sempre pode estar totalmente a disposição das atividades coletivas.

Dentro desse contexto, ressalta-se que 35% da população entrevistada afirmaram que em algum momento de sua permanência na Comunidade já descumpriram as normas

impostas pela Associação frente a 65% que afirmou nunca ter descumprido. Acrescenta-se que, com relação a principal norma que é produzir agricultura familiar, a qual não é somente uma norma imposta pela associação, mas sim pelo INCRA, tem-se que 70% afirmou que nunca deixou de produzir, e, 30% disse que já houve situações que não permitiram a produção, seja por questões pessoais, financeiras ou ainda infraestruturais. Daí mais uma vez é possível verificar a interferência dos entraves, discutidos na subseção anterior, com o bom funcionamento da comunidade analisado por meio das normas e sanções sociais.

Por fim, com relação às sanções, que neste caso podem ser bastante severas, tendo em vista que caso o agricultor/assentado não produza corre o risco de perder sua parcela, observou-se que 85% dos entrevistados se sentem temerosos com tal sanção, mas 15% afirmou que não, principalmente por relatarem que não há fiscalização.

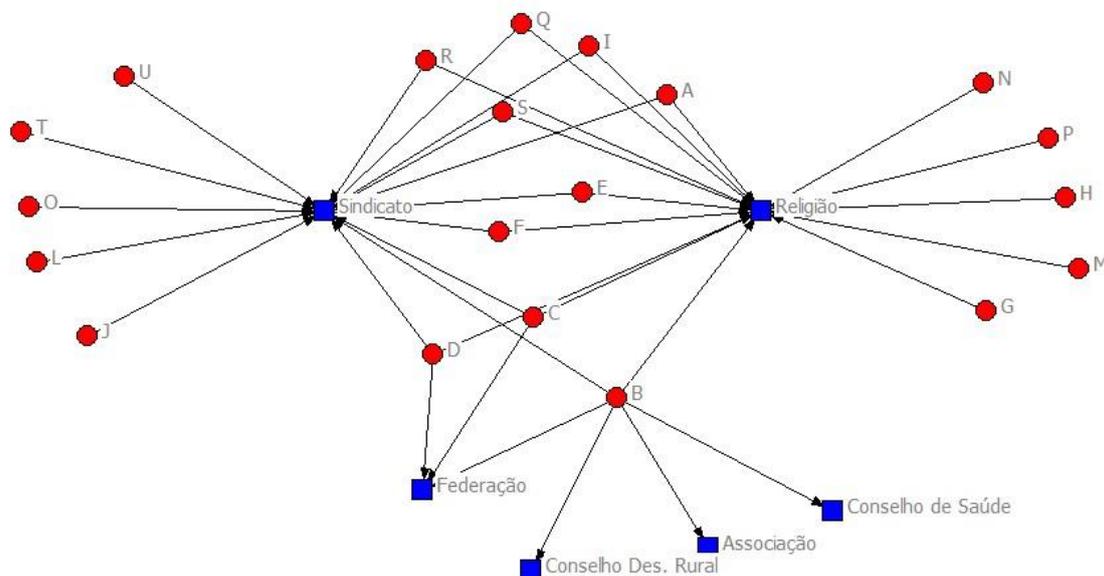
Desse modo, verifica-se que boa parte dos associados levam em consideração as normas implantadas pela associação e órgãos reguladores e que as sanções podem ser vistas como importante instrumento de manter as normas vigentes. No entanto, enfatiza-se que os entraves existentes na comunidade impedem, em muitos casos, que tais variáveis sejam seguidas, e por isso, uma atenção maior deve ser dada a esses problemas que perturbam o bom funcionamento das atividades associativas.

### ***Redes***

Com relação às redes sociais, variável importante dentro da literatura de Coleman (1988) e de Putnam (1993), sendo a mesma uma ponte para viabilizar confiança, informação e normas e sanções para todos que dessas redes faziam parte. Dentro desse contexto, o intuito nesta seção a priori foi verificar se os associados, de fato, participavam de outros grupos dentro ou fora da Comunidade (redes externas), assim como, identificar suas relações com os outros membros da Associação (relações internas), em seguida, constatar se dentro desses outros grupos e vínculos de amizade haviam de certa forma, uma disseminação das outras formas de capital social, tais como: informação, confiança e normas e sanções, isto é, verificar se na prática acontece o que está sendo dito na teoria.

Assim sendo, a partir da Figura 4, que indica o sociograma das relações externas dos associados, verificou-se que todos os membros entrevistados participavam de outros grupos sociais, seja o sindicato, grupo religioso, federação, entre outros.

**Figura 4 – Sociograma das redes sociais externas dos membros da Associação Engenho do Sítio I.**

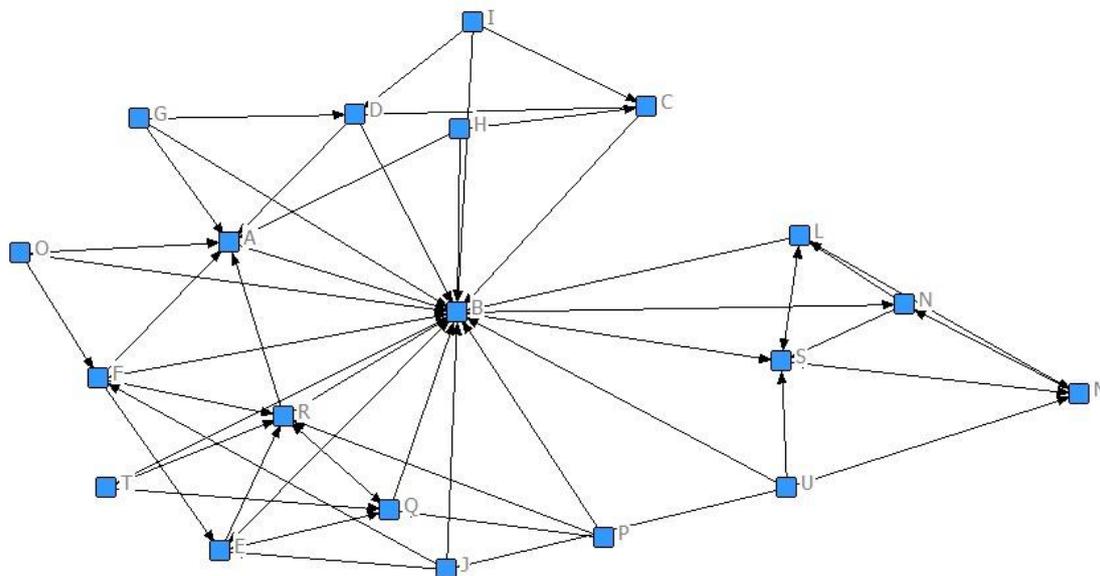


**Fonte:** Ucinet, 2014.

Ainda é possível observar que a maioria da população está integrada ao Sindicato de Trabalhadores Rurais e a grupos religiosos, pouco à Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de Pernambuco (FETAPE) e apenas um entrevistado participa de outra associação, do Conselho de Saúde e do Conselho de Desenvolvimento Rural do município de Paudalho.

Com relação às ligações internas entre os associados, é possível perceber a partir da Figura 5, a qual representa o sociograma das relações entre os membros da Associação, que existem certos associados que exercem uma liderança dentro do contexto que se inserem, uma vez que boa parte das interações se dá em seu entorno. O associado B, como pode ser observado, é o que tem proximidade com o maior número de membros, enquanto que os associados A, R, Q, S e M, são aqueles entrevistados que possuem influência com um número relativamente grande de associados.

**Figura 5 – Sociograma das relações internas dos membros da Associação Engenho do Sítio I.**



**Fonte:** Ucinet, 2014.

Ainda dentro desse contexto, é possível verificar que existem fechamentos nas relações internas dos associados, o que fortalece a ideia de que as formas de capital social são mais bem empregadas dentro desse cenário, segundo a literatura de Coleman (1988).

Analisando agora a contribuição das relações externas com a formação de capital social tem-se que, 80% dos entrevistados mantém contato com outros membros da Associação Engenho do Sítio I nos outros grupos sociais aos quais pertencem, enquanto que apenas 20% não. Dessa forma, desses 80% que mantém contato com outros associados, 100% disseram que essa relação aumenta as possibilidades de obter informações, no que tange à confiança, 75% afirmou que melhora a relação de confiança, 12,5% disseram que não e os outros 12,5% afirmaram que com alguns sim e com outros não. No que diz respeito às normas e sanções sociais, 93,75% da população entrevistada concordou que o fato de manter relações com os membros da Associação em outros grupos sociais faz com que as normas e sanções estejam sempre vivas na memória frente a 6,25% que disseram que não havia nenhuma relação entre manter contato com os associados em outros grupos e manter as normas e sanções sociais sempre em alerta.

Com relação às redes internas e sua importância na formação de capital social, verificou-se que, todos os associados entrevistados afirmaram que os vínculos de amizade que construíram ao longo dos anos que se firmaram na Comunidade é uma

importante forma de obter informação, intensificar as relações de confiança e manter estabelecidas as normas e sanções sociais.

Desse modo, pode-se concluir que de maneira geral as redes de relações internas e externas são muito importantes dentro desse processo de construção de capital social, sendo então compatível com a teoria levantada nesse trabalho, tanto referente à Coleman (1988), quanto a Putnam (1993). E, portanto, sua preservação deve ser contínua e cumulativa, agregando sempre que possível novos membros.

### ***Engajamento Cívico e Comunitário***

Engajamento cívico e comunitário, importante ferramenta de capital social segundo a abordagem de Putnam (1993), foi analisado neste trabalho a partir da interação dos associados com as atividades associativas, cívicas e comunitárias, isto é, através das vezes que participam de reuniões, eventos da Prefeitura direcionados a agricultura familiar, além da participação de atividades coletivas proporcionadas pela própria associação.

Assim sendo, diante das respostas dos entrevistados, verificou-se que 50% da população entrevistada participam todo mês das reuniões organizadas pela Associação Engenho do Sítio I, 20% participa de 9 a 11 vezes por ano, 10% de 5 a 8 vezes por ano, 5% de 2 a 4 vezes por ano e, 15% não participam.

Com relação aos eventos proporcionados pela Prefeitura do Município de Paudalho, tem-se que 70% dos associados não participam, 15% disseram que na maioria das vezes, 10% na minoria das vezes e 5% afirmaram que sempre participam.

No que diz respeito a exercer seu papel de cidadão, isto é, votar regularmente, tem-se que 95% disseram que votava, e, 5% afirmaram não votar tendo em vista idade avançada e impossibilidade de estar se locomovendo.

Não obstante, ainda dentro desse contexto, tem-se que 50% dos entrevistados afirmaram já ter sido convidado a participar de atividades coletivas para benefício da Comunidade, população e Associação, enquanto que os outros 50% disseram que nunca foram chamados para nenhum tipo de atividade com essas características. Vale salientar, que desses 50% que disseram que já foram convidados, as atividades referiam-se a compra de tratores, implantação de um sistema de irrigação pelo Prorural, implantação de energia trifásica, construção de casas, negociação de dívidas, obtenção de créditos, cursos de culinária e artesanato e curso para fazer doces de Araçá. E, o que

é mais importante, desses 50% que foram convidados, 70% disseram ter obtido um bom resultado, 20% disseram que não, e, 10% disse que em alguns projetos obteve êxito, mas em outros não foi possível.

Com relação ao engajamento cívico e comunitário dos entrevistados existe um meio termo, enquanto que metade da população participa sempre das reuniões, a outra metade sequer foi convidada a participar de qualquer atividade coletiva junto a outros associados, e, isso pode ser considerado um problema, uma vez que, a população toda reunida tem muito mais força e consegue angariar mais benefícios. No entanto, acrescenta-se que pelo menos dessa metade que participou de projetos, mais da metade afirmou ter tido bons resultados. Dessa forma, apesar de toda população não está engajada nas atividades associativas, os projetos proporcionados pela Associação alcançam êxito.

Então, ao confrontar essa informação com a literatura, é possível observar que mais uma vez a teoria se fez na prática, tendo em vista que nos trabalhos de Putnam (1993), sabe-se que o engajamento cívico e comunitário é o que proporciona bons resultados, sendo isto, o que se verificou na Associação Engenho do Sítio I.

## **6 SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS ENTRE AS ASSOCIAÇÕES ENGENHO VELHO II E ENGENHO DO SÍTIO I.**

As Associações dos Pequenos Produtores Rurais do Engenho do Sítio I e do Engenho Velho II, como foram analisadas no capítulo 5, possuem características que são bastante semelhantes, assim como, também possuem algumas peculiaridades que são distintas uma das outras. Pensando nisso, o intuito desse capítulo é promover uma discussão a respeito das principais semelhanças e diferenças dessas duas Associações, que foram objeto de estudo desse trabalho de dissertação, e para isso, se utilizará o recurso da análise comparativa, a qual sobressaltará as particularidades das Associações relacionando-as entre si.

No que diz respeito à caracterização familiar, tem-se que a primeira diferença refere-se ao porte das Associações, tendo em vista que a Engenho Velho II trata-se de uma pequena organização, com apenas 19 famílias, enquanto que, a Engenho do Sítio I trata-se de uma Associação que pode ser considerada de médio à grande porte, com um total de 71 famílias. No entanto, apesar de seus tamanhos serem discrepantes, as características das famílias que residem nessas Comunidades são bem semelhantes, por exemplo, a maioria é do sexo feminino, a média de moradores por domicílio é de aproximadamente 04, os homens possuem mais idade e são em sua maioria os chefes de família, a agricultura familiar é a principal atividade econômica e até o rendimento médio mensal gira em torno de 500 reais.

Partindo para uma análise comparativa dos entraves sociais, tem-se que as duas Associações passam por situações complicadas, isto é, ausência de serviços relacionados à saúde, tampouco, educação. No entanto, a Associação Engenho do Sítio I, grande parte dos membros tem acesso a esses serviços em uma Comunidade vizinha, a qual se chama Chã Alegre, e isso, de certa forma, facilita a vida dos associados. Porém, a Associação Engenho Velho II não conta com essa facilidade, e acaba tendo mais problemas para alcançar esses serviços.

Os entraves econômicos são praticamente os mesmos nas duas Associações, isto é, não possuem sistema de irrigação, e apesar da água não ser considerada um problema, a forma como bombeá-la para a produção agrícola nas parcelas se torna um, e isso faz

com que a produção seja pequena e insuficiente para gerar renda às famílias, e a busca por empregos alternativos torna-se indispensável para completar a renda familiar.

Os entraves infraestruturais também são bem parecidos, mas existem algumas peculiaridades nesse contexto. Com relação às principais semelhanças, a primeira refere-se à energia elétrica, tendo em vista que todos os associados nas duas Comunidades utilizam uma rede monofásica, a qual não suporta um sistema de irrigação. A segunda, água para o consumo, todos afirmam ter acesso e ser de boa qualidade. A terceira semelhança diz respeito aos problemas vinculados ao transporte, seja para locomoção, seja para logística dos seus produtos agrícolas, isto é, nas duas Associações, os entrevistados enfatizaram que o transporte é um problema sério, que prejudica a obtenção de recursos financeiros e acesso aos serviços sociais.

No que tange à diferença nos entraves infraestruturais observados e pesquisados nas Comunidades, tem-se que a Engenho Velho II possui um grande problema com relação às vias que dão acesso às parcelas dos associados e também, a saída da Comunidade para o Centro do Município. O estado desses acessos é péssimo e em períodos de chuva a situação é ainda pior, uma vez que as estradas são de barro e o contato com a água permite a formação de um lamaçal. Na Associação Engenho do Sítio I, a situação é relativamente melhor, pois boa parte das estradas é considerada satisfatória, principalmente, aquelas vias que o ônibus escolar passa para buscar as crianças, só em alguns trechos é que o estado das estradas é ruim, mas é minoria.

No que diz respeito às semelhanças e diferenças nos fatores que contribuem ao fortalecimento do capital social nas duas Associações, tem-se que com relação à confiança de um modo geral, isto é, confiança nos parentes, vizinhos, membros da associação, ambiente em que vive e segurança à noite, foi possível observar que as duas Comunidades demonstraram possuir confiança nesses aspectos.

Quanto à confiança a partir da literatura de Coleman (1988), que retrata confiança a partir de recompensas e obrigações entre os agentes A e B, já se percebe alguma diferença, pois os membros da Associação Engenho Velho II não esperam ser recompensados de favores prestados, enquanto que a Engenho do Sítio I sim, porém, com relação a retribuir os favores prestados, as duas Associações se sentem na obrigação de alguma forma pagar por aquele favor realizado.

No que tange à confiança dentro da abordagem de Putnam (1993), que busca relacionar confiança e cooperação, além dos aspectos políticos, se nota uma semelhança

entre as Associações, pois as duas cooperam com pessoas em que confiam e acreditam que as pessoas em que confiam também cooperariam caso precisassem, e, além disso, as duas Associações não confiam nas autoridades políticas.

Quanto aos canais de informação, os membros das duas Associações consideram as reuniões os principais meios de obter avisos e notícias, e, quando não participam das reuniões afirmam que as informações chegam por terceiros de forma correta, apesar de que em alguns casos já se sentiram prejudicados por ter recebido informações incorretas ou incompletas. Ressalta-se ainda, que nas duas Associações, seus membros quando recebem alguma informação importante a repassam e seus vizinhos fazem o mesmo.

Ainda dentro desse contexto, as normas e sanções sociais, como observado ao longo desse trabalho, são importantes instrumentos de capital social. Assim sendo, tem-se que a grande maioria dos associados das duas organizações cumprem regularmente as normas impostas pelas Associações e órgãos institucionais, ou seja, produz agricultura familiar, participa das reuniões e das atividades coletivas. No entanto, verificou-se que os membros da Associação Engenho Velho II não se sentem temerosos com as sanções que possam ser impostas pelo descumprimento das normas, e os membros da Associação Engenho do Sítio I, possuem receio em não cumprir as normas devido às sanções que possam ser empregadas.

A partir da literatura, o cumprimento das normas e o temor das sanções estimulam ações positivas e impedem ações negativas, pensando nisso, verifica-se que, com relação às normas, a literatura é bem aplicada na prática nas duas Associações, mas no tocante as sanções, que neste caso, impediria o descumprimento das normas, isso só é observado na Associação Engenho do Sítio I, enquanto que a Engenho Velho II não, talvez isso justifique a grande quantidade de assentados que não produzem agricultura, que se desfizeram de suas parcelas, entre outras atitudes que estão em concordância com as normas da Associação e dos órgãos reguladores, exemplo, INCRA.

As redes de relacionamento dos associados expressa através dos grupos sociais aos quais pertencem, tanto da Associação Engenho do Sítio I, como do Engenho Velho II se baseiam em grupos religiosos e o Sindicato dos Trabalhadores Rurais. As participações nesses grupos proporcionam também uma maior convivência com os membros das Associações em questão, facilitando assim, a obtenção de informações, as relações de confiança e o cumprimento das normas.

O engajamento cívico e comunitário dos membros das Associações é algo semelhante entre elas, pois boa parte dos associados participa mensalmente das reuniões. Quando são convidados a participarem de atividades coletivas costumam interagir, votam regularmente e a minoria participa dos eventos promovidos pela Prefeitura do Município de Paudalho e a Secretaria Municipal de Desenvolvimento Rural e Meio Ambiente. No entanto, se verifica que apenas na Associação Engenho do Sítio I, as atividades que são realizadas em grupos apresentam bons resultados, isto é, são concretizadas.

Nesse aspecto de engajamento, o qual Putnam (1993) mostra sua importância para o desempenho institucional proveitoso, satisfatório e eficiente, tem-se que a Associação Engenho Velho II, muitos dos seus membros, como dito anteriormente, não produzem, já venderam suas parcelas ou trabalham fora, o que impede uma boa integração dos mesmos. Dessa forma, os poucos membros que se reúnem regularmente não conseguem angariar resultados daquelas atividades coletivas, uma vez que a quantidade de representantes não é expressiva. No que refere-se à Associação Engenho do Sítio I, ela é mais numerosa, seus membros são mais engajados, e por esse motivo, o engajamento comunitário traz benfeitorias, conforme expresso na literatura.

Destacando as principais semelhanças e diferenças das Associações pesquisadas, foi possível perceber que apesar de possuírem tamanhos diferentes, os problemas sociais, econômicos e infraestruturais são praticamente os mesmos, inclusive, até o perfil das famílias são semelhantes.

Com relação ao capital social, percebem-se novamente muitas semelhanças, mas também muitas diferenças, as quais tornam os cenários das Associações um tanto diferenciados.

Dessa forma, conclui-se nesse capítulo, o qual se dedicou a realizar uma análise comparativa entre as Associações Engenho do Sítio I e Engenho Velho II, que existem mais semelhanças do que diferenças em praticamente todos os aspectos analisados nessas organizações. No entanto, com relação a duas formas de capital social específicas, engajamento e normas e sanções sociais, se verificou algumas distinções que revelam que a Associação Engenho do Sítio I detém de certa forma uma maior facilidade de se organizar, buscando melhores condições de vida no meio rural, e, além disso, que agem conforme dito na teoria, o que comprova a sua aplicabilidade na prática.

## 7 CONCLUSÕES

As discussões realizadas ao longo deste trabalho de dissertação possibilitaram observar que capital social apesar de ser um tema relativamente antigo, o seu conceito ainda pode ser considerado um grande desafio para autores que se dedicam a pesquisá-lo. Mesmo assim, capital social nos dias atuais tornou-se um tema discutido em nível mundial e, além disso, multidisciplinar, o que facilitou e facilita o enquadramento do tema em diversas áreas de conhecimento.

Ressalta-se que Coleman e Putnam, os autores nos quais este trabalho se baseou, foram responsáveis primeiramente por tratar capital social de forma sistemática, e também por disseminá-lo mundialmente. Logo a importância desses autores dentro desse contexto é indiscutível.

Ao analisar os trabalhos desses autores foram levantadas exatamente as variáveis que eles focavam para representar capital social. Dessa forma, confiança e reciprocidade, canais de informação, normas e sanções sociais, redes e engajamento cívico e comunitário foram extraídas dos trabalhos de Coleman e Putnam.

Ao aplicar essas variáveis na pesquisa de campo, verificou-se que existe um ciclo vicioso entre os entraves sociais, econômicos e infraestruturais com relação à construção de capital social. Quer dizer, os diversos entraves prejudicam a frequência dos associados nas reuniões, seja por falta de transporte, seja pelo estado das estradas, o que dificulta sua obtenção de informação, o estreitamento das relações, a extensão das redes sociais, da mesma forma que esta ausência de capital social dificulta a atividade em conjunto para lutar por melhorias dentro da comunidade, e, sendo assim, o ciclo vicioso permanece inalterado e prejudicando a todos que pertencem as Associações pesquisadas.

Na comunidade Engenho Velho II, verificou-se a priori, que de 19 famílias que compõem a comunidade, apenas cinco estavam presentes na reunião que aconteceu em 4/11/2014, logo já se tem a primeira impressão, que mais da metade da população não é suficientemente engajada nas atividades propostas pela Associação.

Em seguida, detectou-se que aqueles que foram entrevistados são os que de fato participam do movimento que tal Associação promove, mas infelizmente é uma quantidade muito pequena.

Ainda vale ressaltar, que apesar dos entrevistados possuírem certo nível de capital social observados por meio de confiança, canais de informação, normas e sanções e redes, a variável que expressa engajamento cívico e comunitário não é tão representativa, isto é, as atividades as quais os associados foram convidados a participarem conjuntamente com outros membros da Associação, projeto de horticultura e compra de tratores por exemplo, praticamente nenhuma obteve um resultado positivo, e isso já revela certa instabilidade em realizar projetos comunitários.

Desse modo, ao confrontar os dados obtidos na Associação Engenho Velho II com a literatura expostas é possível dizer que os associados entrevistados são de modo geral detentores de capital social. No entanto, isso só é verdadeiro para aqueles que estão envolvidos no movimento comunitário, pois, infelizmente, o restante da comunidade não está interessado nas atividades da Associação, uma vez que não produzem agricultura familiar, vendem ou negociam suas parcelas ou ainda residem em suas parcelas, mas passam o dia inteiro fora, trabalhando em outras atividades.

Com relação à Associação Engenho do Sítio I, a situação é muito semelhante do que se observou na Engenho Velho II. Ao participar de várias reuniões na Associação percebe-se que de 71 famílias que integram a organização, a minoria participa das reuniões, uma média de 12 a 13 agricultores familiares. No entanto, os resultados obtidos indicam que metade da população entrevista já foi convidada a participar de atividades coletivas e 70% obtiveram bons resultados.

Contudo, vale ressaltar que os problemas sociais, econômicos e infraestruturais que a Associação Engenho do Sítio I passa é exatamente igual aos observados na Comunidade Engenho Velho II, isto é, energia monofásica que não suporta uma bomba eficiente dificultando a implantação de um sistema de irrigação que melhoraria a produtividade, estradas em péssimo estado de conservação, falta de transporte, etc..

Frente ao exposto, se pode concluir que apesar de obterem bons resultados nas atividades comunitárias, os principais problemas da população não foram resolvidos, o que gera muita insatisfação e incertezas nos associados. Além disso, acrescenta-se que a posição dos associados com relação às entidades públicas, Prefeitura Municipal e Secretaria Municipal de Desenvolvimento Rural e Meio ambiente, é deveras preocupante, pois encontram-se verdadeiramente desacreditados que a situação possa algum dia vir a melhorar.

A partir desses achados pode-se concluir que a Associação dos Pequenos Produtores Rurais do Engenho Velho II e Engenho do Sítio I passam por uma situação delicada, tendo em vista uma infinidade de gargalos (sociais, econômicos e infraestruturais) que impedem a construção de capital social, que por sua vez, pode ser considerado como uma importante ferramenta, do ponto de vista de Coleman (1988) e Putnam (1993), para sanar os problemas e promover o desenvolvimento.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBAGLI, S.; MACIEL, M. L. *Capital Social e Empreendedorismo Local. Proposições de Políticas para a Promoção de Sistemas Produtivos Locais de Micro e Pequenas Empresas. Redes de Sistemas Produtivos Inovativos Locais*. UFRJ, 2002. p. 1-28. Disponível em: <<http://www.ie.ufrj.br/redesist/NTF2/NT%20SaritaMLucia.PDF>> Acesso em: Jul 2014.

AQUINO, J. A. *As Teorias da Ação Social de Coleman e de Bourdieu*. *Revista Humanidades e Ciências Sociais*. Vol. 2, nº 2 – 2000. p. 17-29. Disponível em: <http://www.lepem.ufc.br/jaa/2teorias.pdf>. Acesso em: Jul 2014.

ARAÚJO, M. C. D'. *Capital Social*. Coleção Passo-a-Passo. Rio de Janeiro. 2. Ed. Zahar, 2010. 66 p.

AZEVEDO, T. B.; RODRIGUEZ, M. V. R. Y. *Softwares para Análise de Redes Sociais – ARS. VI Congresso Nacional de Excelência em Gestão: Energia, Inovação, Tecnologia e Competitividade para a Gestão Sustentável*. Niterói:Rio de Janeiro. Brasil. 2010. p. 1-19. Disponíveis em: <[http://www.kmpress.com.br/site/wp-content/uploads/2011/06/2010.00-ARTIGO-ISSN-1984-9354-TATIANA-MARTIUS-T10\\_0326\\_1438.pdf](http://www.kmpress.com.br/site/wp-content/uploads/2011/06/2010.00-ARTIGO-ISSN-1984-9354-TATIANA-MARTIUS-T10_0326_1438.pdf)>. Acesso em: Out 2014.

BAQUERO, M. *Construindo uma outra Sociedade: O Capital Social na Estruturação de uma Cultura Política Participativa no Brasil*. *Revista Sociologia e Política*. Curitiba, 2003. 328 p.

BAQUERO, R.; HAMMES, L.J. *Educação de Jovens e Construção de Capital Social: Que Saberes São Necessários?* In: BAQUERO, M.; CREMONESE, D. (Org.). *Capital Social: Teoria e Prática*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2006. p. 227-328. 328 p.

BOEIRA, S. L.; BORBA, J. (apud Higgins, 2005). *Resenha do Livro “Os fundamentos Teóricos do Capital Social”*. *Revista Ambiente & Sociedade*. Vol. IX, nº 1 jan/jun. 2006. p. 187-193. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/asoc/v9n1/a11v9n1.pdf>>. Acesso em: Jul 2014.

BORGES, J. G.; PERONDI, M. A. *Reflexões sobre o Capital Social na Implantação de Políticas Públicas: O ICMC Ecológico no Estado do Paraná*. *Revista Científica ANAP Brasil*. Vol. 5, nº 5, pp. 69-81. Julho de 2012. Disponível em: <[file:///C:/Users/User/Downloads/399-809-1-SM%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/User/Downloads/399-809-1-SM%20(1).pdf)>. Acesso em: Jul 2014.

BOURDIEU, P. *Le Capital Social: Notes Provisoires*. *Revue Scientifique Persée*. Volume 31. Pp. 2-3. 1980 Disponível em: <[http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/arss\\_0335-5322\\_1980\\_num\\_31\\_1\\_2069](http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/arss_0335-5322_1980_num_31_1_2069)>. Acesso em Abril/2015.

BRESSER-PEREIRA, L. C. *Democracia Republicana e Participativa*. Revista Novos Estudos, nº 71, 2005. p. 77-81. Disponível em: <[http://coral.ufsm.br/nedd/docs/democracia\\_republicana.pdf](http://coral.ufsm.br/nedd/docs/democracia_republicana.pdf)>. Acesso em: Jul 2014.

CARDOSO, G. R. *Perspectivas sobre a Participação Política em Inglehart e Putnam: Origens, Aproximações e Divergências*. Revista Eletrônica dos Pós Graduandos em Sociologia Política da UFSC – Em Tese. Vol. 9, nº 2, julho-dezembro de 2012. P 1-33. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/1806-5023.2012v9n2p1/25051>>. Acesso em: Ago 2014

CASTRO, I. “*Problemática qualitativa e quantitativa do capital social: uma exploração*”. In SOCIUS Working Papers. Nº 3, Janeiro/2006. p. 1-33. Disponível em: <http://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/1974/1/wp200603.pdf>. Acesso em: Ago 2014.

CASTRO, M. F. C. M. *Capital Social*. Universidade de Lisboa, Instituto Superior de Economia e Gestão. 2009. Disponível em: <<http://www.gestipolis.com/administracion-estrategia/capital-social-de-las-empresas.htm>>. Acesso em: set 2014.

COLEMAN, J.S. *Social capital in the creation of human capital*. American Journal of Sociology. V.94, 1988. P.S95 – S120. Disponível em: <http://courseweb.lis.illinois.edu/~katewill/forchina/readings/coleman%201988%20social%20capital.pdf>. Acesso em: Fev 2014

\_\_\_\_\_. *Foundation of Social Theory*. Cambridge, Harvard University Press, 1990. Disponível em: <<http://sisphd.wikispaces.com/file/view/Coleman-Foundations+of+Social+Theory-ch+12.PDF>>. Acesso em: Fev 2014.

LIVRO CONDEPE – Instituto de Desenvolvimento de Pernambuco, *Paudalho*, série monografias municipais, Recife: CONDEPE, 1987. p 1-62.

CONDEPE/FIDEM – *Perfil Municipal*. Paudalho-PE, 2012. Disponível em: <[http://www2.transparencia.pe.gov.br/c/document\\_library/get\\_file?p\\_l\\_id=98754&folderId=285747&name=DLFE-35432.pdf](http://www2.transparencia.pe.gov.br/c/document_library/get_file?p_l_id=98754&folderId=285747&name=DLFE-35432.pdf)> Acesso em Mar 2014.

COSTA, A. G. *Capital Social: de Elemento da Cultura Cívica à Política de Governo*. In: Encontro Internacional Participação, Democracia e Políticas Públicas: Aproximando Agendas e Agentes. UNESP, Araraquara – SP, 2013. p. 1-21. Disponível em: <<http://www.fclar.unesp.br/Home/Pesquisa/GruposdePesquisa/participacaodemocraciae politicaspublicas/encontrosinternacionais/pdf-st15-trab-aceito-0132-1.pdf>> Acesso em: Jul 2014.

FERNANDES, A. S. A. *O Capital Social e a análise Institucional e de Políticas Públicas*. Revista RAP. Rio de Janeiro, 2002. 36 (3): 376-398. Disponível em: <<file:///C:/Users/User/Downloads/6444-12233-1-PB.pdf>>. Acesso em: Ago 2014.

FIALHO, F. M. *Capital Social: usos e definições do conceito nas ciências sociais*. In: Capital social e seus indicadores – um estudo teórico e empírico à luz dos dados do BH. Apresentado no I Seminário PAD/PRMBH, 2003. p. 1-15. Disponível em: <[https://www.academia.edu/1365878/Capital\\_Social\\_usos\\_e\\_defini%C3%A7%C3%B5es](https://www.academia.edu/1365878/Capital_Social_usos_e_defini%C3%A7%C3%B5es)>

[es\\_do\\_conceito\\_nas\\_Ci%C3%A7%C3%A7oes\\_Sociais?login=sylvia.economia@gmail.com&mail\\_was\\_taken=true](#)>. Acesso em: Ago 2014

\_\_\_\_\_. *As Múltiplas Definições do Conceito de Capital Social*. Revista BIB. São Paulo. Nº 65, 2008. p. 71-88,. Disponível em: <[https://www.academia.edu/1365875/As\\_m%C3%BAltiplas\\_defini%C3%A7%C3%B5es\\_do\\_conceito\\_de\\_Capital\\_Social](https://www.academia.edu/1365875/As_m%C3%BAltiplas_defini%C3%A7%C3%B5es_do_conceito_de_Capital_Social)>. Acesso em: Ago 2014.

FREITAS, C.M.D.S, et al. *Extração de Conhecimento e Análise Visual de Redes Sociais*. In: Congresso da SBC, Belém do Pará 28: Seminário Integrado de Software e Hardware, 2008. p. 106-120. Disponível em: <<http://www.lbd.dcc.ufmg.br/colecoes/semish/2008/008.pdf>>. Acesso em: Jul 2014.

FREY, K. *Capital Social, Comunidade e Democracia*. Revista Política & Sociedade. Nº 02, pp. 175-187, abril de 2003. Disponível em: [file:///C:/Users/User/Downloads/4958-15666-1-PB%20\(3\).pdf](file:///C:/Users/User/Downloads/4958-15666-1-PB%20(3).pdf). Acesso em: Set 2014.

GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008. 220 p. Disponível em: <https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9cnicas-de-pesquisa-social.pdf>. Acesso em: Abr 2014..

HANIFAN, L. J. *The Rural School Community Center*. Annals of the American Academy of Political and Social Science, Vol. 67, New Possibilities in Education (Sep., 1916), pp. 130-138. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/pdf/1013498.pdf?acceptTC=true>>. Acesso em: Jul 2014.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Fundações Privadas e Associações Sem Fins Lucrativos*, Rio de Janeiro: IBGE, 2010a. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: Mar/2014.

\_\_\_\_\_. *Censo Demográfico*. Rio de Janeiro: IBGE, 2010b. . Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: Mar/2014.

\_\_\_\_\_. *Cidades, Mapas*. . Rio de Janeiro: IBGE, 2014. . Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em Out/2014.

INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária. *Processo de Desapropriação do Engenho Velho II e Engenho do Sítio I, 1999*. Material recolhido in loco.

KAUARK, F., MANHÕES, F. C., MEDEIROS, C. H.. *Metodologia da pesquisa: guia prático*. Itabuna: Via Litterarum, 2010. 88 p. Disponível em: <<http://www.pgcl.uenf.br/2013/download/livrode Metodologia da pesquisa 2010.pdf>>. Acesso em: Abr 2014.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. *Fundamentos de metodologia científica*. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2003. 311 p. Disponível em: <[http://docente.ifrn.edu.br/olivianeta/disciplinas/copy\\_of\\_historia-i/historia-ii/china-e-india](http://docente.ifrn.edu.br/olivianeta/disciplinas/copy_of_historia-i/historia-ii/china-e-india)>. Acesso em: Abr 2014.

LOCKE, R. M. *Construindo Confiança*. *Revista Econômica*. Vol. 3, nº 2, pp. 253-281, dezembro 2001. Tradução do original em inglês: Pedro Rocha de Oliveira. Revisão: Carlos Augusto Vidotto. Disponível em: <<http://www.uff.br/revistaeconomica/v3n2/6-locke.pdf>>. Acesso em: Jul 2014.

MAHFOUD, M. & MASSIMI, M. *Editorial: perspectivas e horizontes*. Memorandum, 19, 2010. P 1-10. Disponível em: <<http://www.fafich.ufmg.br/memorandum/revista/wp-content/uploads/2010/12/editorial19.pdf>>. Acesso em: Jul 2014.

MENEZES, D. B.; OLIVEIRA, E. A. A. Q.; CARNIELLO, M. F. *O Capital Social: Uma Ferramenta para Implementação de Planejamento de Desenvolvimento Regional*. The 4<sup>th</sup> International Congress on University – Industry Cooperation. Taubate, SP – Brazil. December 5<sup>th</sup> through 7<sup>th</sup>, 2012. p. 1-14. Disponível em: <http://www.unitau.br/unindu/artigos/pdf407.pdf>. Acesso em: Ago 2014.

PISTORE, A.; PAIM, J. C. *Genealogia Conceitual do Capital Social nas Perspectivas de Bourdieu, Coleman e Putnam*. *Revista Global Manager*. Vol. 13, nº 1, 2013. p. 44-55. Disponível em: <<file:///C:/Users/User/Downloads/17-2469-1-PB.pdf>>. Acesso em: Ago 2014.

PORTES, A. *Capital Social: Origens e Aplicações na Sociologia Contemporânea*. *Revista Sociologia, Problemas e Práticas*. Nº 33, 2000. p. 133-158. Disponível em: <<http://www.scielo.mec.pt/pdf/spp/n33/n33a06.pdf>>. Acesso em: Ago 2014.

PUTNAM, R. D. *Bowling Alone: The Collapse and Revival of American Community*. United States of America: Simon & Schuster. Reviewed by Melissa Harraka, 2000. Disponível em: <<file:///C:/Users/User/Downloads/0046352cb184b37366000000.pdf>>. Acesso em: Fev 2014.

\_\_\_\_\_. *Comunidade e Democracia: a experiência da Itália Moderna*. 4<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005. 260 p.

PUTNAM, R.; GOSS, K. A. “Introduction”. In: PUTNAM, R. (org.). *Democracies in Flux: The Evolution of Social Capital in Contemporary Society*. Oxford: Oxford University Press, 2002. 253 p. Disponível em: <<http://sociology.sunimc.net/htmledit/uploadfile/system/20110526/20110526013731375.pdf>>. Acesso em: Jul 2014.

SANTOS, C. *Capital Social e Capital Humano: subordinação ou independência? Uma análise a partir do estudo de caso dos Conselhos Municipais de Macaé e Resende*. Dissertação de Mestrado (Economia). Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2006. 120 p. Disponível em: <[http://www.cpgeconomia.uff.br/novosite/arquivos/tese/2006-caroline\\_santos.pdf](http://www.cpgeconomia.uff.br/novosite/arquivos/tese/2006-caroline_santos.pdf)>. Acesso em: Fev 2014

SANTOS, F. F. S. dos. *Capital Social: vários Conceitos, um só problema*. Dissertação de Mestrado (Administração Pública e Governo). Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas. São Paulo, 2003 Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/2403/59888.pdf?sequence=2&isAllowed=y>>. Acesso em: Mai 2014.

SAUL, R. P. *Capital Social e a Privatização do Conhecimento*. Revista Sociologias. Nº19, Porto Alegre, Jan./Jun, 2008. p. 130-177. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/soc/n19/a08n19.pdf>>. Acesso em: Ago 2014

SIISIÄINEN, M. *Two Concepts of Social Capital: Bourdieu Vs. Putnam*. Paper presented at ISTR Fourth International Conference. “The Third Sector: For What and for Whon?”. Trinity College, Dublin, Ireland. July 5-8, 2000. 26 p. Disponível em: <<http://dlc.dlib.indiana.edu/dlc/bitstream/handle/10535/7661/siisiainen.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: Fev 2014.

SILVA, D. B. L. *A Formação do Capital Social Baseada em Organizações Intensivas em Conhecimento como Fator de Desenvolvimento Local Sustentável: Estudo de Caso de uma Associação de Empresas de Tecnologia*. Dissertação de Mestrado (Engenharia e Gestão do Conhecimento). UFSC. Florianópolis, 2010, 115 p. Disponível em: <<http://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/94019/276857.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: Jul 2014.

SILVA, S. S. B. da. *Capital Humano e Social: construir capacidades para o desenvolvimento dos territórios*. Tese de mestrado (Geografia Humana) Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. 2010. 285 p. Disponível em: <[file:///C:/Users/User/Downloads/ulfl057142\\_tm\\_g\\_162.pdf](file:///C:/Users/User/Downloads/ulfl057142_tm_g_162.pdf)>. Acesso em fev 2014.

SILVA, E. L.; MENEZES, E. M. *Metodologia da Pesquisa e Elaboração de Dissertação*. 4ª edição, Florianópolis: UFSC, 2005. 139 p. Disponível em: <[https://projetos.inf.ufsc.br/arquivos/Metodologia\\_de\\_pesquisa\\_e\\_elaboracao\\_de\\_teses\\_e\\_dissertacoes\\_4ed.pdf](https://projetos.inf.ufsc.br/arquivos/Metodologia_de_pesquisa_e_elaboracao_de_teses_e_dissertacoes_4ed.pdf)>. Acesso em: out 2014.

SILVA, A. O.; SANTOS, C. *Capital Social, Capital Humano e Educação: o ensino da sociologia e a construção da cidadania*. Revista Eletrônica Perspectiva Sociológica. Ano 1, nº 2. Nov./2008 a Abr./2009. p. 1-15. Disponível em: <[http://www.cp2.g12.br/UAs/se/departamentos/sociologia/pespectiva\\_sociologica/Numero2/Artigos/Capital%20Social%20-%20Afranio%20e%20Caroline.pdf](http://www.cp2.g12.br/UAs/se/departamentos/sociologia/pespectiva_sociologica/Numero2/Artigos/Capital%20Social%20-%20Afranio%20e%20Caroline.pdf)>. Acesso em: Set 2014.

TZANAKIS, M. *Social Capital in Bourdieu's, Coleman's and Putnam's theory: empirical evidence and emergent measurement issues*. Educate. Vol. 13, nº 2, 2013, p. 2-23. Disponível em: <[http://wh.agh.edu.pl/other/materialy/672\\_2014\\_04\\_23\\_13\\_04\\_24\\_Spcial\\_capital2.pdf](http://wh.agh.edu.pl/other/materialy/672_2014_04_23_13_04_24_Spcial_capital2.pdf)>. Acesso em: Ago 2014.

VIEIRA, E. M. (apud Higgins, 2005). Resenha do Livro “*Os Fundamentos Teóricos do Capital Social*”. Revista Debates, Porto Alegre, Vol. 2, nº 1, p 179-187, jan-jun. 2008. Disponível em: <[file:///C:/Users/User/Downloads/3983-16069-1-PB%20\(5\).pdf](file:///C:/Users/User/Downloads/3983-16069-1-PB%20(5).pdf)>. Acesso em: Ago 2014.

## APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO NA PESQUISA



### UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO RURAL FORMULÁRIO

#### I. PERFIL SOCIOECONÔMICO

##### 1. Nome do Entrevistado

2. Origem	Cidade		Estado:		Tempo de residência no local		Anos
-----------	--------	--	---------	--	------------------------------	--	------

##### 3. Composição Familiar

Nome	Posição família*	Idade	Sexo	Nível de Instrução**	Atividade econômica***	Ocupação****
1.						
2.						
3.						
4.						
5.						
6.						
7.						
8.						
9.						
10.						

\*C - chefe; E - conjuge; F - filho/a; G - genro/nora; N - neto; A-agregado

\*\*A-analfabeto; AA-analfabeto e assina o nome; Alf-alfabetização; 1F a 4F-fundamental menor ou primário; 5F a 8F-fundamental maior ou ginásio; 1M a 3M-médio ou segundo grau; Tec-curso técnico; SI-superior incompleto; SC-superior completo; 9-não sabe ou não respondeu.

\*\*\* Ag-agricultura; Agp- agropecuária; Pec-pecuária; Art-artesanato; Ind-indústria; Com-comércio; Sev-serviços; CC-construção Civil; Tra-transporte; O-outras

\*\*\*\*TF-Trabalho Familiar; D-diarista; TP-trabalhador permanente (assalariado por mais de 6 meses); TT-trabalho temporário (assalariado por menos de 6 meses); A-aposentado; L-do lar sem remuneração; O-outras; E-estudante (menor de 14 anos)

##### 4. Renda (R\$) em 2014 (média mensal).

1. Ag, Agp, Pec, Art.  
3. Comércio  
5. Cons. Civil  
7. Apos/Pensão

	2. Indústria	
	4. Serviço	
	6. Transporte	
	8. Programa do Gov.	

## II. PROBLEMAS SOCIAIS, ECONÔMICOS E INFRAESTRUTURAIS.

### SOCIAL

1. **Você teve alguma doença nos últimos 6 meses?**  
 Sim  Não  
 Se sim, qual (is)?
2. **O agente comunitário é presente em sua comunidade?**  
 Sim  Não  Mais ou menos
3. **Existe posto de saúde em sua comunidade?**  
 Sim  Não
4. **O médico sempre está presente?**  
 Sim  Não  Mais ou menos
5. **Existe hospital em sua comunidade ou próxima dela?**  
 Sim  Não
6. **O médico sempre está presente?**  
 Sim  Não
7. **Existe escola na comunidade ou próxima dela?**  
 Sim  Não
8. **Algum parente ou vizinho estuda ou estudou nessa escola?**  
 Sim  Não
9. **Você considera o ensino dessa escola ...**  
 Bom  Regular  Ruim

### ECONÔMICO

10. **Sua produção é de subsistência ou você consegue vender algum excedente no mercado?**  
 Subsistência  Consegue vender excedente no mercado
11. **Você tem dificuldade em obter matéria-prima para produzir seus ativos agrícolas?**  
 Sim  Não
12. **O acesso a fontes de água para a atividade produtiva é permanente?**  
 Sim  Não
13. **Você possui um sistema de irrigação que facilite sua produção domiciliar?**  
 Sim  Não
14. **O que poderia aumentar sua produção?**

### INFRAESTRUTURAL

15. **Em sua residência tem energia elétrica?**  
 Sim  Não
16. **Se sim, qual tipo?**  
 Monofásica  Bifásica  Trifásica
17. **Qual a forma de abastecimento de água?**  
 Tubulação Geral  Cisterna individual  Cisterna Coletiva  Barragem  
 Cacimba  Outras
18. **O acesso a fontes de água para o consumo doméstico é permanente?**  
 Sim  Não

19. Qual a qualidade da água usada para consumo?  
 Boa                       Regular                       Ruim
20. Qual o estado das estradas de sua comunidade que dão acesso a cidade de Paudalho?  
 Bom                       Regular                       Ruim
21. Você gostaria de colocar mais algum problema que prejudica você e sua família?

### III. CAPITAL SOCIAL

#### CONFIANÇA

1. Você confia em seus parentes?  
 Sim                       Não
2. Você confia nos seus vizinhos?  
 Sim                       Não
3. Você confia nos membros da associação?  
 Sim                       Não
4. Você confia no ambiente que vive?  
 Sim                       Não
5. Você se sente seguro(a) a noite na comunidade?  
 Sim                       Não
6. Caso você faça um favor para alguém (vizinho, associado, parente, etc.) você espera ser recompensado?  
 Sim                       Não
7. E o contrário, se alguém fizer um favor para você, você se sente na obrigação de recompensá-lo?  
 Sim                       Não
8. Quando você confia em alguém, acha que esta pessoa pode cooperar em todas as situações caso você venha a precisar?  
 Sim                       Não
9. E você sempre cooperaria com uma pessoa que você confia?  
 Sim                       Não
10. Você confia nas autoridades políticas (Prefeitura e Secretarias) do município de Paudalho?  
 Sim                       Não

#### CANAIS DE INFORMAÇÃO

11. Qual o principal meio de comunicação na Comunidade?  
 Reuniões                       Cartas ou bilhetes                       Telefone                       Visitas                       E-mail                       Outras

12. Quando você não tem acesso a alguma informação de forma direta, e a recebe por outras pessoas, essa informação chega completa?

Sim  Não

13. Em algum momento você já se sentiu prejudicada por não ter recebido uma informação ou por ter recebido essa informação incompleta ou errada?

Sim  Não

14. Você possui dificuldades em obter informações diretas?

Sim  Não

15. Se sim, por quê?

Falta de tempo para ir às reuniões  Falta de dinheiro para chegar às reuniões  Difícil acesso  Outros

16. Caso você tivesse acesso a uma importante informação, você repassaria para seus vizinhos?

Sim  Não

17. Seus vizinhos repassam informações para você caso você não tenha ido, por exemplo, a uma reunião da associação?

Sim  Não

18. Antes de você tomar qualquer atitude, você leva em conta as informações que obteve para depois agir?

Sim  Não

#### NORMAS E SANÇÕES

19. Você cumpri todas as normas impostas pela associação?

Sim  Não

20. Em algum momento você descumpriu alguma norma?

Sim  Não

21. Levando em consideração a principal norma da associação, que é produzir agricultura familiar, você já a descumpriu?

Sim  Não

22. Conhece alguém que não cumpriu?

Sim  Não

23. Tendo em vista que caso você não produza na terra fica sujeito a perdê-la, isso de algum forma lhe deixa temeroso?

Sim  Não

#### REDES

24. **Você participa de algum outro grupo dentro ou fora da comunidade?**

Sim  Não

25. **Se sim, do que se trata?**

Sindicato de Trabalhadores  Federação dos trabalhadores  Associação  Cooperativa  
 Grupo religioso  Outros

26. **Dentro desse outro grupo que você participa, você tem contanto com outras pessoas que também participam da associação Engenho do Sítio I/Engenho Velho II?**

Sim  Não

27. **Se sim, você acha que facilita de alguma forma a obtenção de informação, por vocês estarem mais próximos?**

Sim  Não

28. **E a relação de confiança?**

Sim  Não

29. **E as normas, você acha que por estar mais próximos dessas pessoas, vocês conseguem de alguma forma manter as normas e alertar sobre as sanções?**

Sim  Não

#### ENGAJAMENTO

30. **Com que frequência você participa das reuniões da associação?**

Todo mês  De 2 a 4 vezes por ano  De 5 a 8 vezes por ano  De 9 a 11 vezes por ano

31. **Você participa dos eventos da prefeitura de Paudalho para os agricultores familiares?**

Sempre  Na maioria das vezes  Na minoria das vezes  Nunca

32. **Você vota regularmente?**

Sim  Não

33. **Votou na última eleição?**

Sim  Não

34. **Você já recebeu um convite da associação para participar de alguma atividade em conjunto com outros associados?**

Sim  Não

35. **Se sim, você aceitou o convite?**

Sim  Não

36. **Do que se tratava?**

37. **E vocês conseguiram um bom resultado?**

Sim Não**REDE DE RELAÇÕES INTERNAS – 2ª ESTAPA DA PESQUISA**

**38. Dos associados entrevistados (A, B, C, e etc.) na primeira fase da pesquisa, qual deles você tem uma maior proximidade ou vínculo de amizade?**

**39. Você acha que essas ligações aumentam seus canais de informação?**

 Sim Não

**40. E as relações de confiança?**

 Sim Não

**41. E as normas e sanções sociais permanecem mais afloradas?**

 Sim Não